

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIENCIAS NATURAIS DO PONTAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM QUÍMICA
Rua Vinte, 1600. Bairro Tupã. CEP 38304-402, Ituiutaba / MG



JOHN POWER VIEIRA OLIVEIRA

**QUÍMICA E MITOLOGIA AFRO-BRASILEIRA: CONCEPÇÕES DE UM GRUPO
DE LICENCIANDOS EM QUÍMICA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA SOBRE A
TEMÁTICA DAS PIMENTAS**

ITUIUTABA

2018

JOHN POWER VIEIRA OLIVEIRA

**QUÍMICA E MITOLOGIA AFRO-BRASILEIRA: CONCEPÇÕES DE UM GRUPO
DE LICENCIANDOS EM QUÍMICA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA SOBRE A
TEMÁTICA DAS PIMENTAS**

Monografia de Conclusão de Curso
apresentada à Comissão Avaliadora como
parte das exigências do Curso de Graduação
em Química: Licenciatura do Instituto de
Ciências Naturais do Pontal da Universidade
Federal de Uberlândia.

Orientador: Prof. Dr. Juliano Soares Pinheiro

ITUIUTABA

2018

JOHN POWER VIEIRA OLIVEIRA

**QUÍMICA E MITOLOGIA AFRO-BRASILEIRA: CONCEPÇÕES DE UM GRUPO
DE LICENCIANDOS EM QUÍMICA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA SOBRE A
TEMÁTICA DAS PIMENTAS**

DATA DA APROVAÇÃO:

COMISSÃO AVALIADORA:

Prof. Dr. Juliano Soares Pinheiro (Orientador- Química/ICENP UFU)

Prof. Dr. Guimes Rodrigues Filho (IQ/UFU)

Prof. Dr. Roberto Dalmo Varallo Lima de Oliveira (Química/ICENP UFU)

DEDICATÓRIA

À Deus e os meus Guias que me deram sabedoria e iluminaram meu caminho para estar aqui;
À meus pais que apesar de tudo ainda amo eles;
A minha Avó Janete, que é chefe do terreiro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, meus Orixás e meus Guias que me deram sabedoria e força para continuar nessa jornada;

À minha mãe, por sempre confiar em mim;

Ao meu pai que mesmo com tudo o que aconteceu me apoiou para conseguir terminar essa jornada;

Ao meu orientador Juliano, que precisou ter muita paciência comigo;

Aos membros da banca, pela disponibilidade para avaliação;

A todos os meus professores do ensino básico e da graduação, em especial aos professores Sérgio Sanches e Alexandra Epoglou, que indiretamente me ajudaram a tomar este caminho;

Aos meus amigos: Iago Espir Lorena, Paulo Eduardo e Mauricio que apesar de muitas coisas que aconteceram continuaram comigo;

A todos os amigos e colegas que fiz nesta caminhada até aqui, em especial a todos da minha turma (Química-Licenciatura 2013).

A todos que, mesmo de longe, estiveram me dando apoio em um momento difícil da minha vida dentro da universidade, fazendo com que as pausas e as continuidades desse curso valessem mais a pena, aos meus amigos que em todo Super Bowl reúnem comigo para assistir a esse jogo fenomenal todos os anos.

“O plantio é livre, mas a colheita é obrigatória”

Zé Pelintra.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as concepções de um grupo de bolsistas do programa Residência Pedagógica da Universidade Federal de Uberlândia campus Pontal, licenciandos em Química, acerca da importância da temática tratada pela Lei 10.639/03 a partir de uma perspectiva do trabalho com conteúdos químicos, fazendo o uso da contextualização a partir das religiões e mitologia afro-brasileiras e africanas. Para tanto as compreensões do grupo acerca da Lei e a temática versaram sobre a importância de se trabalhar tal perspectiva para a formação como futuros profissionais da educação, qual a sua relevância para o ensino de Química e como eles acham conveniente utilizar as religiões e mitologia afro-brasileiras e africanas no ensino. Para isso, inicialmente foi enviado para o grupo o livro “Conteúdos Cordiais: Química Humanizada para uma Escola sem Mordaza” para que fizessem a leitura do capítulo intitulado: “Química das Pimentas pelos Caminhos de Exu”. Posteriormente realizou-se uma entrevista, buscando aproximações com a metodologia do Grupo Focal para análise das concepções do grupo de licenciandos em Química do Programa Residência Pedagógica. Para as análises, buscou-se uma base sobre a relação entre as religiões Afro-brasileiras e ensino de Química partindo de uma revisão de trabalhos e artigos que mostrem o uso dessas ferramentas nas aulas de ensino médio; observação do que os documentos oficiais de formação de professores, trabalhos que demonstram que tal abordagem é de difícil compreensão por parte da comunidade escolar como um todo, devido ao preconceito e ao receio da retaliação por parte das administrações das escolas e, de orientações para aulas de Química de ensino médio trazem de importância de se trabalhar as relações étnico raciais nas aulas da Educação Básica. Os resultados mostram falta de preparo dos futuros professores analisados para o trabalho de conteúdos químicos a partir do contexto desta perspectiva. Ademais, as análises demonstram a importância da formação docente inicial e continuada para o trabalho dentro da Química com vistas ao atendimento da Lei 10.639/03.

Palavras-chave: Lei 10.639/03; religiões e mitologia afro-brasileiras; relações étnico raciais.

ABSTRACT

The present work has the objective of analyzing the conceptions of a group of scholarship holders of the Residency Pedagogical Program of the Federal University of Uberlândia Pontal campus, graduates in Chemistry, about the importance of the subject treated by Law 10.639 / 03 from a perspective of the work with contents using afro-brazilian and african religions and mythology. To this end, the group's understandings about the Law and the theme dealt with the importance of working such a perspective for training as future professionals of education, what their relevance to the teaching of Chemistry and how they find it convenient to use afro-brazilian and african religions and mythology in education. For this, the group was initially sent the book "Cordial Content: Humanized Chemistry for a School without Gag" to read the chapter entitled "Chemistry of Peppers by the Paths of Exu". Subsequently an interview was conducted, seeking approximations with the methodology of the Focal Group to analyze the conceptions of the group of graduates in Chemistry of the Residence Pedagogic Program. For the analysis, we sought a basis on the relationship between the afro-brazilian religions and teaching of Chemistry starting from a review of papers and articles that show the use of these tools in the classes of high school; observation than the official teacher training documents, demonstrating that such an approach is difficult to understand on the part of the school community as a whole due to prejudice and fear of retaliation by school administrations and guidance for lessons of Chemistry of secondary education bring of importance of if work the racial ethnic relations in the classes of Basic Education. The results show lack of preparation of the future teachers analyzed for the work of chemical contents from the context of this perspective. In addition, the analyzes demonstrate the importance of initial and continuing teacher training for the work within Chemistry, in order to comply with Law 10.639 / 03.

Keywords: Law 10.639 / 03; afro-brazilian religions and mythology; ethnic relations.

Sumário

INTRODUÇÃO	11
A LEI 10.639/03: CAMINHOS E DESBOBRAMENTOS	14
AS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS	16
<i>O sincretismo como parte das religiões negras numa sociedade branca.</i>	<i>17</i>
<i>A formação da Umbanda: o branqueamento numa sociedade branca.</i>	<i>18</i>
<i>O Exu no Candomblé e na Umbanda.</i>	<i>20</i>
<i>O Exu no Candomblé.</i>	<i>20</i>
<i>O Exu na Umbanda.</i>	<i>21</i>
A QUÍMICA E A LEI 10.639	22
<i>A pimenta, a Química e as religiões de matrizes africanas.</i>	<i>24</i>
CAMINHOS METODOLÓGICOS	25
ANÁLISES	28
AS DIFICULDADES E OS LIMITES DA LEI 10.639/03 NO ENSINO DE QUÍMICA.	28
AS POSSIBILIDADES DE ATENDIMENTO DA LEI A PARTIR DA TEMÁTICA DAS PIMENTAS IMPORTÂNCIA	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERENCIAS	50
ANEXO A- ENTREVISTA COM RESIDENTES – 1º GRUPO	53
ANEXO B- ENTREVISTA COM RESIDENTES- 2º GRUPO	70

INTRODUÇÃO

Na noite do dia 14 de março de 2015, num terreiro de umbanda na cidade de Ituiutaba MG, Dona Maria Conga (da linha dos pretos velhos) vem conversando com todo mundo ali presente:

“Nesse momento meus irmão, estamos recebendo pela primeira vez nessa casa uma pessoa muito importante para nós, vocês ainda não são entendedores das coisas do mundo espiritual, mas ele nasceu com um dom, um dom que poucos aqui tem, essa pessoa está vivendo um momento difícil na vida mas eu quero que vocês o ajudem, quero que vocês trabalhem com ele porque ele será um grande médico de almas, ele demorou a chegar, mas tudo acontece da forma que tem. Volto a dizer, vocês não são entendedores dessas coisas, mas ele sabe que é.”

Enquanto ela utilizava dessas palavras e olhando em certa direção, sentia meu coração sendo abraçado, uma enorme paz, até que chegam e falam: *“Dona Maria Conga quer falar com você”*. Naquele momento eu achei esse pedido estranho pois era minha primeira vez que entrava num terreiro de umbanda, ao me aproximar dela, enquanto a mesma estava fumando seu cachimbo e rindo para mim: *“Você ainda vai entender muita coisa que eu disse nesse momento, mas saiba que tudo aquilo que eu disse estava falando de você”*. A partir daí tudo fez sentido na minha vida, todas as vezes que sentia arrepios e presenças, as energias das pessoas e dos lugares, que até então entendia como algo normal e que todo mundo sentia, fez sentido todas as vezes que escutei diferentes vozes, de crianças, de adultos e de idosos, eram eles me chamando para evoluir meu espírito, evoluir o meu interior e evoluir esse dom e cumprir esse propósito no qual fui incumbido.

Como licenciando em química e de acordo com estas minhas vivências e experiências, quis construir uma formação para a docência que pudesse abarcar a forma como entendo o mundo a partir de minha incursão na Umbanda. Assim, é importante ressaltar que há mecanismos legais que corroboram com a questão ancestral que convive comigo.

Ao longo dos últimos anos, os estudos acerca da História da África e da Cultura Afro-Brasileira vem sendo abordados com maior frequência e, principalmente como uma ferramenta de auxílio a ser utilizada por professores, de diferentes áreas, incluindo as áreas das ciências exatas e naturais, para suas aulas. Tal crescimento deve-se ao fato, principalmente, da promulgação da lei 10.639/03, que prevê a obrigatoriedade do ensino da História e a Cultura

Afro-Brasileira nas escolas públicas e privadas, devendo ser ministrado no âmbito de todo o currículo escolar (BRASIL, 2003).

A história da educação brasileira é marcada por um processo extremamente elitizado, de maneira que a educação, tal como a conhecemos hoje, ainda exclui grupos como negros, indígenas, comunidade LGBTQTS, entre outros grupos minoritários, de suas agendas e currículos. Neste sentido, de acordo com o que é determinado pela Lei 10.639/03, é importante que, em todo o currículo escolar, o que inclui as ciências naturais e consequentemente a Química, haja uma prática mais contextualizada no sentido de propiciar vivências mais plurais para os alunos, o que reflete uma dimensão desafiadora para os professores acerca de sua formação inicial e continuada.

Em contrapartida, ainda que se observe um aumento no uso dessas abordagens contextualizadas em sala levando em consideração o previsto pela Lei 10.639/03, é também notável que muitos professores não possuem capacitação para tratar da História da África e Cultura Afro-Brasileira nas suas aulas, os pesquisadores(as) da área também são desafiados a realizar estudos e pesquisas na tentativa de melhor compreender esses processos (GOMES, et. al., 2011, p. 11). Pode-se observar essa tentativa de inserção da História da África e Cultura Afro-Brasileira a partir da década de 1990 e, tomando força aos longo dos anos com o envolvimento de pesquisadores e professores (GOMES, 2011), e apesar de ainda ser restrito o número de materiais didáticos para trabalhar esses conteúdos em relação à outras temáticas, é notável uma ascensão não somente de materiais mas também de pesquisadores(as) dentro das diversas áreas do saber, incluindo a área chamada de ciências na natureza. Tal observação deve-se ao fato, principalmente, da contribuição e inserção da lei 10.639/2003 que foi fruto de muita luta dos movimentos negros no Brasil e, principalmente um marco para nova era da educação tendo em vista que a lei modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996).

Baseadas nessas ações surgem as discussões a respeito da inserção da temática sobre História da África e Cultura Afro-Brasileira em todos os cursos de graduação, sobretudo nos de licenciaturas, tendo em vista que são estes os cursos que irão formar os profissionais capazes de concretizar a lei 10.639/03 na educação básica. Desta forma, falar da cultura negra no Brasil é falar de cultura da maioria da população, uma vez que, segundo o último censo do IBGE¹, realizada no ano de 2014, cerca de 54% de população é autodeclarada preta e/ou parda (Brasil, 2014).

¹ Disponível em <www.ibge.com.br>.

Enfatizando essas observações a respeito da presença da História da África e Cultura Afro-Brasileira na formação de professores, na lei 10.639/03 e nas atuais atribuições de um profissional das áreas de ciências, tanto o licenciado quanto o bacharel, torna-se necessário um questionamento: essa cultura afro-brasileira realmente é importante dentro da formação dos futuros profissionais? Até que ponto os cursos de licenciatura trabalham no sentido de utilizar da lei 10.639/03 como forma de abordagem do conteúdo químico? Os licenciandos estão preparados para realizarem tais abordagens utilizando as religiões afro-brasileiras e africanas? Baseado nisso, pode-se presumir que, principalmente para o licenciado tais questionamentos seriam respondidos com um sonoro “Sim! O futuro professor precisará disso para dar suas aulas e atuar no sentido de oferecer uma educação não preconceituosa e anti-racista. Além disto, tal determinação é obrigatória e prevista nos documentos oficiais e na lei!”. Outra indagação que se faz necessária, a partir das vivências dentro de um curso de graduação em Química: qual a importância desta temática para as aulas de Química? Realmente é importante tal conhecimento para jovens de uma faixa etária entre 15 a 18 anos que, poderão simplesmente sair da escola e seguir diferentes caminhos, que não seja o acadêmico, no decorrer de suas vidas terem em sua formação temáticas a respeito da História da África e da Cultura Afro-Brasileira dentro da Química?

Para tanto, o objetivo deste trabalho é analisar as concepções de um grupo de bolsistas do programa Residência Pedagógica/Subprojeto Química de uma Universidade Federal, acerca da importância da temática tratada pela lei 10.639/03 a partir da temática das pimentas com enfoque na mitologia africana e afro-brasileira.

Os objetivos específicos são:

1. Discutir com o grupo do Programa Residência Pedagógica a necessidade de uma formação não preconceituosa e anti-racista do licenciando, futuro professor de Química;
2. Avaliar, junto ao grupo, a importância da História e Cultura Africana e afro-brasileira dentro da Química na formação e atividade docente, até o momento que se faz necessário essa importância para o ensino médio.
3. Desenvolver estratégias com o grupo sobre como tratar a marginalização de matrizes de conhecimento africanas e afro-brasileiras.

Neste sentido, buscamos entender as compreensões desses licenciandos em relação a sua visão da importância da História e Cultura Africana e afro-brasileira na sua formação como futuro professor, ou seja, para seu crescimento e seu preparo como profissional, e qual a sua

importância para as aulas de química, isto é, porque usar, de que modo usar, como isso pode acrescentar nas aulas e de que modo isso reflete no aluno de ensino médio.

A escolha pelo tema se deu, em primeira instância, devido a religião na qual eu pertencço, a Umbanda. Segundo, por entender a importância de se debater nas aulas de Química o contexto da História da África e Cultura Afro-Brasileira através da lei 10.639/03 no sentido da promoção de processos educativos que respaldem a dimensão multicultural da nossa sociedade. E por fim, outro fato que me despertou interesse sobre a temática foi a participação em evento promovido pelo curso de Química, a “Semana da Química” realizada no Campus Pontal da UFU, ter sido efetuado uma mesa redonda com a temática afro-racial sendo que na mesma foi abordado a temática com um potencial uso na sala de aula

A LEI 10.639/03: CAMINHOS E DESBOBRAMENTOS

A primeira lei que tratou sobre o ensino no Brasil após a independência, foi a lei de 15 de outubro de 1827, que determinava a criação de escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império (Brasil, 1827).

Após isso, algumas leis importantes relacionadas a educação foram propostas em função de um ensino elitizado e centralizado, são elas as leis que sucedem o Decreto de 02 de dezembro de 1837, o Regulamento nº 8 de 31 de janeiro de 1838 de 02/12/1837; o Regulamento nº 62 de 1º de fevereiro de 1841 e por fim o Decreto nº 1331 de 17/02/1854, em que deixa-se claro que a educação, seja ela do ensino primário e secundário, deveriam estar focados excepcionalmente no município da Corte. Tal decreto é o primeiro documento que “oficializa” o preconceito racial no Brasil, quando em seu art. 69 retrata que:

“Não serão admitidos á matricula, nem poderão frequentar as escolas:

§ 1º Os meninos que padecerem moléstias contagiosas.

§ 2º Os que não tiverem sido vacinados.

§ 3º Os escravos.” (Brasil, 1854)

Assim que o decreto fora revogado, após um período de 24 anos, e, com a criação dos Decretos nº 7.031-A, de 06 de setembro de 1878, o mesmo retratava da criação de cursos noturnos para pessoas do sexo masculino nas escolas públicas de ensino primário de 1º grau do município na Corte, o mesmo relatava essa condição para o grupo não elitizado, porém não feminino, da população brasileira, tal documento trazia as seguintes palavras: “(...) poderão matricular-se, em qualquer tempo, todas as pessoas do sexo masculino, livres ou libertos,

maiores de 14 anos” (Brasil, 1878), e por fim o Decreto nº 6967, de 08/07/1878 que regulamentava a matrícula para os filhos livres de mulheres escravizadas (Brasil, 1878).

Após a publicação desses decretos a lei Áurea foi assinada e, em consequência algumas leis delegaram aos negros lugares subalternos e marginais (SILVA, et.al., 2005, p. 19) e, visando lutar contra essas leis, a população negra iniciou os primeiros movimentos organizados, de modo que fosse possível dialogar com a elite sobre seus problemas, esses que vieram em consequência do preconceito e das discriminações raciais ainda existentes. Dias (2012) ao discorrer sobre a história dos movimentos negros os divide em três momentos, o primeiro momento refere-se ao período da Primeira República até o Estado Novo, o segundo momento contempla a Segunda República à Ditadura Militar, um marco desse período é que no Teatro Experimental do Negro, fundado por Abdias Nascimento, dá muita ênfase para a cultura e a identidade do negro, começando então uma discussão muito forte focando nas problemáticas dos conteúdos curriculares, as relações sociais na escola e a importância de se introduzir informações sobre as raízes culturais dos negros.

E por fim, o terceiro momento que se inicia com a inserção política que vai de 1978 até os anos 2000, nesse período veio a fundação do Movimento Negro Unificado (MNU), e inspirados nos direitos civis dos negros estadunidenses, reivindicaram a inserção da História da África e do Negro no Brasil nos currículos escolares, sendo assim:

“O movimento negro passou a intervir no campo educacional, com propostas de revisão dos conteúdos preconceituosos dos livros didáticos; na capacitação de professores para uma pedagogia inter-racial; na reavaliação do negro na história e, por fim, na exigência da inclusão do ensino da história da África nos currículos escolares” (Dias, 2012, p. 20).

Um dos frutos dessa luta e resistência, no governo do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, foi a promulgação da lei 10.639 em 03 de Janeiro de 2003, que modifica a LDB de 1996 incluindo na rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, de tal forma que:

“Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'." (Brasil, 2003).

No mesmo governo, em 2006 é publicado as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais², que vem com um tópico particular para as Ciências da Natureza, Matemática e suas tecnologias, afirmando que:

“A biologia, a matemática, a física e a química destacam-se como disciplinas que, integradas, são capazes de desconstruir conhecimentos que afirmam as diferenças como inferioridade e que marcam a condição natural de indivíduos e grupos inter-étnicos. O trabalho por projetos pode incluir diferentes disciplinas: física, química, matemática, e mesmo história, sociologia, filosofia” (Brasil, 2006 p.196).

Dentre os elementos fundamentados na História e Cultura Afro-Brasileira encontra-se um apelo muito grande nas religiões de matrizes africanas, de modo que, as mesmas até hoje sofrem com a marginalização e a banalização por parte da população brasileira, em especial o Candomblé e a Umbanda. Concordando com Prandi (1998) a história das religiões Afro-Brasileiras podem ser divididas em três momentos: sincretização com o catolicismo, o branqueamento na formação da umbanda e a africanização do candomblé no que diz respeito a sua transformação em religião universal, sendo este último uma negação do sincretismo em meados de 1960.

As religiões de Matrizes Africanas

² Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais Brasília: SECAD, 2006

As religiões de matrizes africanas, desde meado dos anos de 1930, eram classificadas como religiões étnicas ou de preservação dos patrimônios culturais dos escravos e suas descendências (PRANDI, 2001), as mesmas ainda mantinham suas tradições enraizadas na sua origem africana. Em diferentes lugares do Brasil foram formadas, com ritos e nomes, locais vindos de tradições africanas diferenciadas: o Candomblé no estado da Bahia, o Xangô nos estados de Pernambuco e Alagoas, Tambor de Mina vindo dos estados do Maranhão e Pará, Batuque originário do Rio Grande do Sul e a Macumba proveniente do Rio de Janeiro.

A Bahia também foi berço dos Candomblés de Caboclo e do Candomblé de Egum. O Nordeste, também foi um berço de distintas modalidades religiosas, tendo elas uma aproximação maior das religiões indígenas, porém posteriormente acabaram por sincretizar muito com as religiões afro-brasileiras ou de certa forma as influenciar. Essas religiões são as conhecidas como Catimbó, religião de espíritos aos quais se dá o nome de Mestres e Caboclos, que se incorporam no transe para aconselhar, receitar e/ou curar. Essa vertente afro-ameríndio, possui certas particularidades devido aos lugares nos quais foram enraizadas, sendo conhecido também como Jurema, Toré, Pajelança, Babaçuê, Encantaria ou simplesmente cura (PRANDI, 1998).

Em meados do final do século XIX e início do século XX, no estado do Rio de Janeiro, surgiu uma nova religião afro-brasileira, a Umbanda, que no mesmo período foi disseminada no estado de São Paulo e pouco tempo depois se alastrou pelo território nacional, que de certo modo tomou caminhos para uma nova etapa de difusão do Candomblé, sendo assim, a Umbanda é vista como uma religião excepcionalmente brasileira, e é formada especialmente pelo encontro das tradições vindas da África, do Espiritismo kardecista e do Catolicismo, diferentemente das religiões citadas anteriormente que eram constituídas como religiões de grupos negros, a Umbanda por si só carregava uma marca de “religião universal”, sendo a mesma voltada para todos os grupos sociais brasileiros (PRANDI, 1998).

Enquanto a Umbanda se propagou ao longo de todo território brasileiro, o Candomblé iniciou seu percurso em direção ao sul do país e com isso em pouco tempo as religiões afro-brasileiras ocuparam um lugar de destaque no cenário das grandes cidades. Nessa sociedade que vinha enfrentando diferentes mudanças, as religiões tiveram que se “adaptar” as condições nas quais eram incluídas, ora aceitando suas origens, ora negando-as.

O sincretismo como parte das religiões negras numa sociedade branca.

Ao longo da história, as religiões afro-brasileiras tiveram uma necessidade de aceitação dentro de uma sociedade branca, com isso Prandi (1998) afirma que essas religiões foram formadas dentro de um sincretismo com o catolicismo e uma pequena parte com as religiões dos povos indígenas aqui presentes. Embora as religiões afro-brasileiras tenham tido um sincretismo principalmente com o catolicismo, o negro acabou conseguindo manter suas origens, as suas religiões enfrentaram desde sua chegada uma grande contradição: em especial na sua origem, principalmente as religiões dos bantos, iorubás e fons que são religiões de culto aos ancestrais e se fundam nas famílias e suas linhagens, mas suas estruturas sociais e familiares nas quais a religião dava sentido aqui nunca se reproduziram, pois as mesmas estavam diretamente ligadas as suas tribos.

Devido ao fato dos aspectos sociais que o negro escravo tinha e era totalmente oposto ao negro nas suas origens, as religiões pode-se reproduzir de uma forma parcial. A forma como a religião negra, mesmo que fragmentada, era capaz de aceitar o negro de uma identidade de origem, que recuperava através dos rituais sua relação com a família, a tribo e as cidades perdidas para sempre na sua dispersão, era por meio do catolicismo que ele podia se encontrar e se mover na sua atual realidade, na sociedade do branco doutrinador, o qual era o responsável pela garantia da existência do negro no Novo Mundo, ainda que em condições de privação e sofrimento, e o mesmo controlava sua vida completamente. Qualquer tentativa de resgate de sua identidade, como forma de superação a sua condição de escravizado, como realidade e herança, era confrontada em primeira instância com a necessidade de inclusão no mundo branco, com isso, uma não identificação como brasileiro e, conseqüentemente, o negro só podia ser brasileiro se ele fosse ao mesmo tempo católico.

Com o fim da escravidão, a formação da nossa identidade nacional sendo ela estruturada por classes, através do extravasamento das populações pelas amplitudes geográficas, como a criação de diferentes oportunidades sociais, tudo isso só fez reforçar a importância do catolicismo para as populações negras. Assim, as religiões de matrizes africanas se tornaram “dependentes” do catolicismo como uma cultura inclusiva na sociedade branca, de forma que o negro pode manter sua dupla identidade ideológica.

A formação da Umbanda: o branqueamento numa sociedade branca.

Em meados do fim do século XIX e início do século XX, chegou no Brasil o espiritismo de Alan Kardec, devido as suas características como concepção kármica do mundo e de inspiração hindu com doutrinas cristãs, o espiritismo logo firmou-se no Brasil, principalmente

na sociedade de classe média. No Rio de Janeiro, os negros aderiram ao espiritismo mas ao mesmo tempo traziam as suas tradições do Candomblé, provocando assim um conflito com o espiritismo “originalmente europeu”.

Em consequência desses conflitos surgiu o primeiro centro de Umbanda, em meados dos anos de 1920, através de Zélio Fernando de Moraes, tal fato é narrado da seguinte maneira:

“Naquela ocasião, Zélio, orientado por um amigo de seu pai, foi levado à Federação Espírita devido a uma aparente cura que havia recebido, pois de forma inexplicável pela medicina, curou-se de uma estranha paralisia na qual fora acometido. Chegando lá, foi convidado pelo dirigente a participar da sessão que ali ocorreria.

Iniciada a sessão, Zélio, tomado por uma força desconhecida, levantou-se dizendo: ‘Aqui está faltando uma flor!’ e, contrariando as normas que não permitem o afastamento de qualquer integrante da mesa durante a sessão, foi ao jardim e voltou portando uma rosa branca, que colocou sobre a mesa. Aquela atitude provocou uma grande estranheza entre os membros que ali estavam. Com a ‘corrente’ recomposta, houve uma manifestação de vários espíritos de indígenas e de escravos africanos nos médiuns presentes, quando o dirigente do trabalho advertiu tais espíritos os convidando a se retirar devido ao seu suposto atraso espiritual. Zélio, ainda tomado por aquela força estranha, relata que apenas recorda de ouvir sua voz questionando o porquê daqueles dirigentes não aceitarem a comunicação de tais espíritos e os considerarem atrasados devido às suas cores e posições sociais enquanto vivos. Na tentativa de afastar o espírito desconhecido incorporado em Zélio, um dos responsáveis pela mesa questionou:

‘Afinal, porque o irmão fala nesses termos, pretendendo que esta mesa aceite a manifestação de espíritos que, pelo grau de cultura que tiveram quando encarnados, são claramente atrasados? E qual é o seu nome, irmão?’

A resposta manifestada através de Zélio foi:

‘(...) se julgam atrasados os espíritos de pretos e índios, devo dizer que amanhã estarei na casa deste aparelho (Zélio), para dar início a um culto em que estes pretos e índios poderão dar sua mensagem e, assim, cumprir a missão que o plano espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos encarnados e desencarnados. E se querem saber meu nome, que seja Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque não haverá caminhos fechados para mim.’

No dia seguinte, a casa de Zélio recebeu membros da Federação Espírita, parentes, amigos e desconhecidos, e às 20h o Caboclo das Sete Encruzilhadas se manifestou em Zélio e declarou que, a partir daquele momento, uma nova religião se iniciava, onde os espíritos de índios e de negros escravos poderiam trabalhar ajudando seus irmãos encarnados, independentemente da sua cor ou posição social, e que seu nome seria Umbanda. O grupo fundado naquela noite pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas recebeu o nome de Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, pois a tenda acolheria os que a ela recorressem em busca de ajuda.” (AZEVEDO, 2013).

Conforme narrado anteriormente, havia uma divergência do Kardecismo que rejeitava, principalmente, a presença de guias negros e caboclos, esses por sua vez até nos dias atuais são considerados, pelos espíritas mais tradicionais, como espíritos inferiores (ou de baixa evolução). Em pouco tempo depois seguiu a formação de outros centros do então chamado espiritismo de Umbanda. Do Rio de Janeiro, a Umbanda se instalou também na cidade de São Paulo e rapidamente pelo País inteiro. No ano de 1941, foi realizado no Rio de Janeiro o Primeiro Congresso de Umbanda, o mesmo contou com a presença de umbandistas também da capital paulista.

Através desse sincretismo entre o Espiritismo e o Candomblé na origem da Umbanda, surgiram também elementos que os coincidiram como os Orixás, e uma das principais entidades, tanto para o Candomblé quanto para a Umbanda, é a figura do Exu.

O Exu no Candomblé e na Umbanda.

Essas duas religiões são significativamente diferentes em suas características essenciais e, o único fato que têm em comum é a adoção de elementos da cultura religiosa afro-brasileira. As entidades cultuadas – apesar de partilharem alguns Orixás, a natureza das entidades cultuadas no Candomblé e Umbanda se diferem bastante, de tal forma que os procedimentos, rituais e cantos praticados no culto de cada religião são diferentes, podemos dizer que raros são aqueles que coincidem. De tal forma, os elementos culturais que compõem o sincretismo em cada uma, o fazem de maneira diferente, principalmente no uso das forças metafísicas acionadas também se diferem (AZEVEDO, 2013).

O Exu no Candomblé.

Durante a procura de novas rotas para o continente Asiático em busca de especiarias, os europeus se depararam com um novo continente, e um novo povo, de cultura e conhecimento totalmente distinto a sua realidade, com isso os europeus viram uma necessidade de cristianizar os chamados “selvagens”, e esse povo de cultura totalmente oposta ao que o cristianismo pregava, eram os Iorubás.

Ao se depararem com os Iorubás, os primeiros europeus que entraram em contato com o culto do orixá Exu, sendo ele venerado pelos fons vodum Legba, atribuíram a essa divindade uma dupla personalidade: a do deus greco-romano Príapo (deus da fertilidade) e a do próprio diabo dos judeus e cristãos (PRANDI, 2001). Tal relação deve-se em primeira instância de como esses europeus viram os altares, as representações materiais e os símbolos fálicos do Orixá-Vodum, em segunda instância às suas atribuições no que diz respeito ao panteão dos Orixás e Voduns, suas características morais que são narradas pela sua própria mitologia, que, por sua vez o mostra como um Orixá que vai na contramão das regras de conduta mais aceitas dentro da sociedade europeia, porém não se conhece nenhuma narrativa que identifiquem Exu com o diabo (PRANDI, 2001).

No candomblé os Orixás, divindades que receberam de Olodumare (Ser Supremo), a incumbência de criar e governar o mundo de maneira que cada um deles ficasse responsável por algum aspecto da natureza e dimensões da vida em sociedade muito próprias da condição humana (PRANDI, 2011). Vale ressaltar que nessa religião de matriz africana, a figura de Exu é representada como o Orixá da comunicação (mensageiro) entre os seres humanos e os demais Orixás, o mesmo não possui uma variação de gênero.

O Exu na Umbanda.

A Umbanda, diferente do Candomblé, considera os Exus não como seus deuses, mas sim como entidades que buscam a evolução espiritual através da caridade. Em resumo, são os grandes agentes do equilíbrio universal, considerados também como os guardiões dos trabalhos de magia, que vem operando com forças do astral, e também como “policiais”, “sentinelas”, “seguranças” que agem pela Lei espiritual, e principalmente policiando o Médiun nas suas atividades cotidianas. As falanges de Exus sempre estão nestas zonas conflituosas, mas não vivem nela.

Na Umbanda não se manifesta o próprio Orixá Exu, por meio da incorporação, mas sim seus mensageiros ou falangeiros, sendo estes espíritos que vêm no plano carnal para orientar e ajudar. Quando os mesmos incorporam são logo reconhecidos através de objetos que os

caracterizam alguns com capas, cartolas, bengalas (masculinos), e saias rodadas, brincos, pulseiras, perfumes, rosas (femininos, também chamados de Pombo-giras), essa última sendo a variação de Exu como elemento de gênero feminino. Mas não necessariamente os médiuns se utilizam destas vestimentas para a incorporação. Cada terreiro trabalha de uma forma diferente, alguns centros uniformizam a roupa dos médiuns, de modo que todos vestem branco.

A Química e a Lei 10.639

Como a escola é uma das principais responsáveis, principalmente pela formação humana, observa-se que a educação possui uma suma importância no combate ao preconceito e na defesa dos direitos humanos. Foi muito comum observar ao longo dos anos que o Ensino Religioso “esqueceu”³ da existência das religiões afro-brasileiras, principalmente na formação e na participação direta da sociedade brasileira, tal fato deve-se principalmente ao catolicismo sendo o mesmo a religião oficial do período colonial brasileiro. Atualmente o ensino e estudo sobre as diversas religiões no contexto escolar brasileiro ainda é algo muito raro (OLIVEIRA, 2012), mas em contrapartida a educação formal brasileira vem se deparando com questões que antes não possuíam qualquer viabilidade nesse cenário, isso ocorreu principalmente pelo silenciamento que foram submetidas (SILVA, 2005).

Todavia, documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) contemplam a conquista no ensino da diversidade cultural, que pode-se aliar também aos assuntos relacionados a ética, sexualidade, saúde e meio ambiente como base dos chamados conteúdos transversais, os PCNs propõem importantes mudanças na maneira como são abordados os diferentes conteúdos na medida em que são reconhecidas distintas formas de aquisição do conhecimento (SILVA, 2005), porém não existe uma maneira de garantir tal transição, pois, os PCNs vão de confronto a uma sociedade ainda com um alto nível de conservadorismo e que muitas vezes não compreende o modo amplo, e talvez urgente, do estabelecimento dos novos parâmetros como forma de buscar uma educação cada vez mais plural.

Conforme as orientações curriculares para o ensino médio (Brasil, 2006), é possível, de maneira interdisciplinar e por meio da Química trabalhar conceitos dentro dos temas estruturados do ensino de Química, relacionando com o que foi dito anteriormente sobre o candomblé, a umbanda e a lei 10.639/03. Por exemplo, contextualizando como a pimenta está

³O ensino das religiões afro-brasileiras foi negligenciado ao longo dos anos nas escolas, principalmente devido a intolerância religiosa por parte da sociedade brasileira.

presente em nosso cotidiano classificada como um dos principais condimentos da culinária brasileira e que possui um significado religioso muito forte na cultura africana e afro-brasileira. Na Química podemos envolver principalmente os conhecimentos da Química orgânica, tais como serem abordadas as funções presentes em sua fórmula estrutural, sua classificação e aplicação, solubilidade e reatividade dos compostos orgânicos e, como demonstração, seria importante levar para a sala de aula diferentes amostras, tipos e forma como são curtidas: limão, óleo, vinagre e até mesmo a cachaça, e, principalmente as estruturas que causam o efeito de ardência.

Porém relacionar o ensino de Química e a lei 10.639/03 não é algo fácil, principalmente pelo fato que após 15 anos da sua promulgação ainda existem muitos problemas para a mesma ser aceita dentro da comunidade escolar. Esses problemas podem ser retratados dentro de quatro aspectos principais: a dificuldade da relação entre a lei e as diferentes áreas das ciências (em específico a Química), a falta de subsídio por parte do governo em financiar programas de formação continuada a respeito da temática, a falta de conhecimento por parte dos profissionais da educação em relação as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) juntamente com a falta de motivação em se inteirar a respeito do ensino étnico-racial (GONZAGA, et al. 2018). Baseado nessas dificuldades Pinheiro (2010) afirma que, apesar das críticas nos cursos de graduação esse é o momento necessário para realizar o fornecimento de bases pedagógicas específicas.

Baseado nessa tentativa de buscar essa ruptura autores como Benite (2017), que busca estabelecer relações entre os profissionais da educação, utilizando como estratégia elementos da cultura Afro-brasileira na abordagem de conteúdos químicos, na forma planejamento e desenvolvimento no que diz respeito as possíveis intervenções pedagógicas para contemplar a implementação da Lei. Santos (2014), que leva os aspectos mais relevantes quanto à utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) em ambientes escolares, tal como a prática pedagógica das mesmas como forma de ferramentas digitais. Levantando uma possível diversidade de mídias, e destacando suas características como uma ferramenta e manutenção da aprendizagem, partindo do pressuposto de que esses materiais didáticos podem ser utilizados para trabalhar assuntos referentes aos elementos da cultura Afro no ensino de Química, analisando alguns professores visando suas dificuldades no presente processo apresentando momentos de discussão de diferentes temáticas a fim de que sejam diretamente relacionados à Química com temas étnico-raciais. E, Gonzaga (2018), que vem trazendo uma investigação das principais causas da não aplicação da Lei 11.645/08 e de outras diretrizes curriculares nacionais,

tendo como foco a atuação dos professores das ciências da natureza, utilizando uma abordagem no que diz respeito as possíveis deficiências sobre a temática nos profissionais do ensino de Química, e buscando recomendações referentes ao plano nacional para a educação étnico-racial, se estão sendo cumpridas nos diferentes ambientes de ensino. Entre outros autores, vem abordando a temática não somente a Lei 10.639/03, mas também a Lei 11.645/08.

A pimenta, a Química e as religiões de matrizes africanas.

Dentre todos os elementos das religiões de matrizes africanas, a pimenta é um dos principais enfoques tanto para a Umbanda quanto para o Candomblé, e através dessa importância deve-se buscar diferentes contextos que possam levar ao ensino de conteúdos químicos numa perspectiva da ética e da razão cordial (CORTINA, 2007 citado por Oliveira e Queiroz, 2017), de modo que Oliveira e Queiroz (2017) definem essa ética como uma autêntica comunicação entre o entendimento comum e um sentir comum; uma estrutura cognitiva, mas repleta de valores.

Esse elo significa, de certa forma, empoderar diferentes grupos minoritários, proporcionando aos alunos diferentes maneiras de poderem observar aspectos sociais, culturais, econômicos e tecnológicos que podem contemplar seu cotidiano. Desta maneira, este trabalho pretende promover o diálogo entre os conteúdos conceituais de Química “funções e propriedades de compostos orgânicos” de acordo com o contexto das pimentas em rituais de Candomblé e da Umbanda a partir do Orixá Exu.

Consequentemente a partir dessa escolha vieram os primeiros questionamentos: por que o Exu e essas religiões de matrizes africanas? A primeira instância deve-se ao fato de que no Candomblé para se falar com os demais Orixás, primeiro deve-se falar com o Orixá Exu, realiza-se uma cerimônia que consiste em mastigar uma pimenta do tipo Atarê (*Aframomum Melegueta K. Schum*), essa cerimônia, de acordo com os praticantes, relaciona-se com o fato de que a pimenta funciona como um antisséptico bucal e com isso o hálito da pessoa é limpo e ao mesmo tempo a pimenta retira as cargas negativas que as palavras podem trazer (PRANDI, 2011).

Assim como no Candomblé, a Umbanda possui uma relação direta e ligada às pimentas, através do chamado Exu-Pimenta, o mesmo faz um elo ao elemento fogo, em alguns terreiros é comum associa-lo ao Orixá Xangô, mas também costuma ser chamado de o ardido, e, pode ser invocado para diferentes fins, assim como os Exus de Umbanda, ele é um tipo de espírito,

que pode estar em diversos níveis de luz, nos quais pode ser invocado para auxiliar nos trabalhos espirituais, incorporando ou não nos médiuns, enquanto trabalham na Umbanda (AZEVEDO, 2013).

CAMINHOS METODOLÓGICOS

No presente trabalho, procurou-se analisar junto a 15 bolsistas do Programa Residência Pedagógica, da Universidade Federal de Uberlândia, que estão cursando a licenciatura em Química, como eles compreendem as relações entre a Química e Educação para as relações Étnico-Raciais utilizando uma abordagem das religiões de matrizes africanas: o que eles compreendem a respeito dessas religiões (limitando o trabalho à Umbanda e ao Candomblé), qual a importância de se fazer essa educação anti-racista na formação deles enquanto futuros profissionais do ensino e por último mas não menos importante, a principal relevância e os aspectos que poderiam ou não serem abordados em sala de aula ao se apresentar essa temática.

O Programa Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica. O mesmo faz parte de políticas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), fundação vinculada ao Ministério da Educação e Cultura desempenhando um papel fundamental na expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu em todos os estados do país. Para participação neste programa é obrigatório que os Residentes façam parte da Licenciatura e que estejam cursando a partir do 5º período da graduação ou cumprido de no mínimo 50% da sua grade curricular.

Desta forma, realizou-se uma entrevista com os bolsistas do programa Residência Pedagógica, dividido em dois grupos, um no período da tarde com 10 alunos e outro no período da noite com 5 alunos. Tal divisão aconteceu devido a disponibilidade de horários que cada bolsista possui e, de acordo com esta disponibilidade o coordenador do programa efetua as reuniões de grupo em horários distintos.

Antes da entrevista, foi proposta ao grupo a leitura do texto: “Química das Pimentas pelos Caminhos de Exu” (OLIVEIRA e QUEIROZ, 2017), que faz parte do livro Conteúdos Cordiais: Química Humanizada para uma escola sem mordida⁴ e posteriormente foi realizada

⁴Conteúdos Cordiais: química humanizada para uma escola sem mordida / Roberto Dalmo Varallo Lima de Oliveira, Glória Regina Pessoa Campelo Queiroz, organizadores. – 1. ed. – São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017. – (Coleção culturas, direitos humanos e diversidades na educação em ciências)

uma apresentação prévia pelo pesquisador, com um resumo sobre a História e Cultura Africana, das relações entre as religiões afro-brasileiras, o Exu e as pimentas, e as estruturas Químicas das diferentes pimentas usadas em cultos das mesmas e, fazendo uma relação principalmente com os conteúdos a serem abordados em Química orgânica como: compostos e funções orgânicas, solubilidade de compostos orgânicos e interações intermoleculares. Vale ressaltar a relação paralela entre direitos humanos e a intolerância religiosa.

Após a apresentação, houve um momento de debate, mediado pelo pesquisador com perguntas aos residentes. A partir destas perguntas os residentes expunham suas concepções acerca da possibilidade de aplicação daquele conteúdo em sala de aula. A intenção era o levantamento das suas concepções prévias, principalmente acerca da importância da lei 10.639/03 e as relações das religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras dentro no planejamento das aulas de Química.

Para a realização deste trabalho, fez-se a apresentação de um termo de consentimento livre esclarecido a todos os participantes da pesquisa. Após a leitura e concordância com o termo, os participantes assinaram e ficaram com uma via deste.

As reuniões foram gravadas na forma de áudio, que foram transcritos para realização das análises. Durante esta transcrição os nomes dos licenciandos foram substituídos por Bolsista 1, Bolsista 2, etc. para garantir total anonimato.

Para coleta e organização dos dados, buscou-se subsídios da metodologia de Grupo Focal, que de acordo com Morgan (1998) é delimitado por três fases:

A primeira na década de 20, de modo que, os cientistas sociais utilizaram da técnica para diferentes fins, sendo o principal no desenvolvimento de questionários para pesquisas de opiniões públicas. A segunda fase se deu no período da Segunda Guerra até meados da década de 1970, de maneira que, os grupos focais foram mais utilizados pelos pesquisadores da área de marketing. E terceira fase que é referente a década de 1980 até os dias atuais, nas quais, os grupos focais vem sendo utilizados por vários profissionais no desenvolvimento de pesquisas.

O grupo focal caracteriza-se pelos seu principais procedimentos, os mesmos que diferenciam essa metodologia das demais entrevistas em grupo, são eles:

1. O recrutamento dos participantes: os integrantes não devem pertencer a um mesmo círculo de amizade ou trabalho, evitando assim que as expressões de ideias não sejam prejudicadas pelo impacto que as mesmas podem vir a ocorrer

posteriormente. Para essa característica, foram feitas aproximações em relação ao grupo focal e os objetos de estudo em questão.

2. O local deverá ser completamente neutro, acessível a todos e consequentemente silencioso.
3. O tempo de duração em média é de uma hora e trinta minutos.
4. O moderador da entrevista deve facilitar o diálogo e a interação entre o grupo enquanto um observador se encarrega de analisar o diálogo não verbal, auxiliando assim o moderador na análise dos possíveis direcionamentos ocasionados por problemas que possam ser decorrentes de sua forma de coordenar a sessão (WESTPHAL, BÓGUS & FARIA, 1996).
5. O roteiro de entrevista em grupo deve conter essencialmente questões com os temas chaves a serem investigados.

Ressalta-se que procuramos as aproximações da metodologia do Grupo Focal, pois os integrantes da pesquisa pertencem ao mesmo ciclo de convivência dentro da universidade e, logicamente, participam do mesmo programa de formação. Desta forma, a escolha do Grupo Focal se deu pelas vantagens que este método apresenta como: a garantia de divergentes opiniões entre os grupos e a oportunidade dos participantes da pesquisa de tempo para formularem suas respostas nas questões propostas (CHAER, DINIZ, RIBEIRO; 2011, p. 259).

Para a análise, utilizamos a proposta por Bardin (1977), que aconteceu a partir das transcrição dos áudios, pela qual é possível “detectar as variações de aspectos formais e simbólicos da comunicação, considerando os elementos que a compõem” (ABRAHÃO, 2001). Desta forma foi realizada uma pré-análise que consistiu na leitura superficial do material e a partir desta etapa foi realizada seleção de trechos mais importantes e representativos do conjunto estudado de maneira que as falas dos sujeitos estudados foram organizadas de acordo com duas categorias: 1) As dificuldades e limites da efetivação da Lei 10.639/03 no ensino de Química e 2) As possibilidades de atendimento da Lei 10.639/03 a partir da temática das pimentas e da mitologia africana e afro-brasileira.

Para tanto, buscou-se uma revisão de trabalhos, livros e artigos que mostrem o uso dessa temática em sala de aula no ensino médio e na formação de professores, além de observar o que os documentos oficiais de formação de professores (principalmente as constituições brasileiras e a LDB) trazem de importante sobre a História e Cultura Africana para as aulas na Educação Básica, levantando em destaque a Educação em Química.

ANÁLISES

As Dificuldades e os limites da lei 10.639/03 no Ensino de Química.

O Brasil é um país marcado pelas diferenças étnico-raciais e culturais (SANTOS, et al. 2014), que se fazem presentes desde a colonização até os dias atuais. Porém, apesar da grande diversidade étnica e cultural, historicamente percebe-se que grupos são marginalizados e inviabilizados, especialmente nos currículos escolares. Desta forma, mesmo após a implementação da lei (10.639/2003) instituindo a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira no âmbito de todo o currículo escolar, ainda há uma grande dificuldade por parte dos professores em efetivar esta legislação. Especificamente no ensino de Química há resistências e dificuldades em trazer para o bojo de discussões próprias da Química, os aspectos relacionados a lei 10.639/03.

Sobre esta dificuldade, a Bolsista 1 afirma:

“Eu queria compartilhar isso que aconteceu comigo que logo quando estava fazendo o projeto da química do cabelo numa determinada escola da cidade durante o PIBID [relatando sobre uma atividade que aconteceu sobre a química dos cabelos e questão racial] eu estava lá [na escola] e estava conversando com uma aluna e ela começou a perguntar de qual religião eu era eu falei que era católica. Ela falou: eu gosto da igreja católica mas eu já frequentei o Candomblé! Ela começou a falar disso e como eu já tinha tido conversado antes com o Juliano [Professor da Universidade e então Coordenador de área do PIBID, que trabalha com a temática afro-racial no ensino de Ciências/Química], eu saberia falar alguma coisa sobre a temática se não fosse isso eu não teria falado, e ela conversando comigo super interessada e falando do jeito que era que ela estava participando, que a avó dela é, aí eu fui e comecei a contar essa história da pimenta, como que se deu e ela ficou muito interessada e eu disse: Tá vendo gente, a química explica muita coisa- que as pimentas meio que limpava a boca! Aí ela ficou muito interessada, e assim eu acredito que é uma proximidade com muitos alunos e eles vão saber mais que a gente, mesmo que provavelmente, não sei porque eu não sei se alguém aqui frequenta ou não [alguma instituição religiosa de matriz africana], e assim é longe da minha realidade, mas saber um pouquinho dessa cultura que às vezes a gente nem sabe direito, de onde veio, como que é e já vai julgando as vezes a gente saber falar, não precisa você falar para pessoa acreditar, porque essa é a maior dificuldade, achar que você está falando isso para pessoa acreditar naquilo que é diferente da crença que ela tem, mas trazer a química para

a realidade de muitas pessoas que estão ali ou até mesmo saber respeitar para evitar acontecimento como esses que você colocou aí para a gente, eu acho assim que é importante a gente dá uma bloqueada nos nossos próprios preconceitos para poder aproximar do aluno e fazer com que ele aprenda alguma coisa relacionada a química nesse contexto.” (Bolsista 1).

Esta fala revela uma importante realidade sobre a implementação da Lei 10.639/03, que sem processos de formação docente que mostrem aos futuros professores as possibilidades do trabalho com a temática afro-racial a plena efetivação da legislação fica muito difícil e sem perspectivas de acontecer de maneira adequada. A bolsista deixa claro que soube conduzir um debate com a aluna da escola, durante uma atividade do PIBID, pelo fato de ter tido o contato com seu coordenador de área que trabalha com esta temática. Sobre isto, Prado e Fátima (2016), afirmam que é necessário romper com a forma com que historicamente se ensina sobre os afrodescendentes, sendo necessário superar uma visão estritamente escravocrata e dar ênfase nos valores socioeconômicos, culturais, e religiosos dos descendentes do continente africano e para tanto, frente a um passado de negação destes aspectos nas escolas e nos processos de formação docente é fundamental que professores em exercício e futuros professores tenham acesso a conhecimentos que garantam a efetivação da Educação para as relações étnico-raciais, tal como explicitam as DCN para a educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e africana:

§ 1º As Instituições de Ensino Superior incluirão nos conteúdos de disciplinas e atividades curriculares dos cursos que ministram a Educação das Relações Étnico-Raciais, bem como o tratamento de questões e temáticas que dizem respeito aos afrodescendentes, nos termos explicitados no Parecer CNE/CP 3/2004 (BRASIL, 2004, p.1)

Desta forma, mesmo após a promulgação da Lei 10.639/03, ainda não é sistemático o trabalho com as temáticas sobre a história e cultura africana e afro-brasileira na formação de professores, o que é reforçado pela fala do Bolsista 2, Bolsista 8 e o Bolsista 7:

“Eu acho que, pelo menos para mim a maior dificuldade de trabalhar com isso é justamente por falta de conhecimento, como que eu vou falar de um assunto que eu não sei principalmente a parte histórica quando você aborda e também de conhecimento das religiões de matrizes africanas que é um negócio que querendo ou não é distante da realidade como a Bolsista Ifalou, quem não participa dessas religiões, não tem contato e quando tem contato é nessa perspectiva de demonização e de amulação da cultura, então para mim essa seria a maior

dificuldade, justamente nesse sentido de não saber que tem coisas para ser abordada, e outra coisa que às vezes eu fico me questionando é, porque quando eu estava no ensino fundamental na aula de educação religiosa quando o professor começou a abordar religiões diferentes do cristianismo um grupo de pais e mães foram na escola protestar contra isso, falar que não podia falar, que não aceitava, a minha mãe é evangélica, e ela não concordou de tirar, porque justamente a questão de ter contato mesmo, e eu acho que é isso que a Bolsista 1 falou, eu acho que quando a gente se propõe a dar esse tipo de abordagem a gente tem que deixar bem definido que a nossa ideia não é evangelizar, não é fazer com que você acredite na religião, eu acho que isso para mim seria importante definir bem até onde você vai, para não entrar no sentido que querendo ou não, pode ferir ou não a religião de outra pessoa, e até onde você pode ir com conteúdo eu acho que para mim seria a maior dificuldade seria nesse sentido.”(Bolsista 2)

“(...) eu sentiria dificuldade sobre como colocar isso, porque eu sou totalmente leiga nessa parte, então eu teria que estudar para ter todo um preparo e colocar isso em ação, porque eu tenho um pouco de dificuldade exatamente por não saber sobre.” (Bolsista 8).

“Então, na verdade eu teria dificuldade em tudo, porque eu não consigo enxergar e mostrar o grupo funcional, planejar uma aula com isso porque eu nunca dei uma aula, e eu não saberia fazer isso, então para mim eu teria dificuldade em tudo, teria dificuldade em falar de religião, direitos humanos e eu teria dificuldade em tudo praticamente.” (Bolsista 7)

Quando foi questionado aos mesmos sobre o que seria constrangedor, dentro do ensino de Química em relação ao contexto das religiões afro-brasileiras e as pimentas, foi notado que os mesmos apresentariam com uma certa tranquilidade essa temática, que podemos observar através de suas falas:

Sobre a dimensão de se trabalhar a partir de uma perspectiva que aborda aspectos mitológicos da cultura afro-brasileira e africana, que está repleta de elementos de cientificidade, é importante ressaltar a importância de desmistificar os discursos e impressões sobre as cosmovisões de mundo de origem africana e, conseqüentemente, descentralizadas de uma perspectiva homegeinizadora e eurocentrizada. Sobre isto os Bolsista 11, 12 e 13 relatam:

“Lendo o texto, pois, eu não sabia de muita coisa sobre essa parte de candomblé, sobre o exu que é uma forma de espírito que você conversa para você poder passar mensagem para outras divindades, as coisas que a gente não tem conhecimento, é uma coisa que é interessante saber, porque tem algumas sociedades, dentro na nossa própria sociedade, de pessoas que tem essa cultura, e eu não acho que você desrespeitando uma cultura vai estar valorizando aquela pessoa como cidadão igual, então não se pode desvalorizar a cultura de ninguém, então a ideia de se trabalhar isso aí em comum acordo com os alunos para mim é tranquilo, por que tem que ir estudando para saber falar as coisas.” (Bolsista 11)

“Eu acho que essa parte de religião sempre é muito complicada, porque eu lembro quando eu fazia, tanto no ensino médio e ensino fundamental a gente tinha uma matéria de ensino religioso, e aí chegou uma fase do curso que começou a ter muitos alunos evangélicos, então assim, a professora obrigava a sala a rezar o Pai Nosso, mas o evangélico não reza o Pai Nosso, e aí a professora queria sempre obrigar aqueles alunos evangélicos a fazer aquela oração, e aí começou a dar conflito com os pais, porque o pai ia na escola reclamar, porque a professora estava querendo obrigar o aluno a fazer uma coisa e que ela não concordava, e aí a professora pedia então para menina se retirar para o resto da sala fazer a oração.” (Bolsista 12)

“Esse tema é muito difícil para mim trabalhar, porque para você abordar um tema como esse no ensino médio você tem que especificar que você vai trabalhar a química dentro daquela religião, esse não vai ser o enfoque, trabalhar religião e sim a química em si, eu acho que eu teria dificuldade para trabalhar esse conteúdo nessa contextualização mesmo e diferenciar uma coisa da outra sem tem um enfoque maior da religião em si.” (Bolsista 13).

Neste sentido, Silva (2005) aponta que são raros os casos de ações contra-hegemônicas em sala de aula e que são pouco percebidas e pouco visíveis ações orientadas em perspectivas de matriz africana. O mesmo autor ainda afirma que:

É mister dizer também que, tratar da cultura negra no âmbito escolar, inclusive abordando a mitologia, nada tem a ver com a doutrinação tão frequente em escolas públicas, na medida em que o principal interesse é o de que estudantes apreendam, ainda que de forma incipiente, algumas informações que possam permitir o domínio de um repertório básico para abolir estereótipos e lidar com os colegas negros compreendendo-os, respeitando-os e superando o senso

comum que transforma tudo proveniente de África em um pastiche que se perpetua sob o rótulo de coisa de negro.(SILVA, 2005. p. 123)

Desta forma, é importante pensar em outras maneiras de organização da apresentação dos conteúdos químicos nas salas de aula. Ainda que isso demande muita preparação e muito empenho em estudar entender aquilo que se desconhece, ações formativas como esta que foi apresentada ao grupo de licenciandos em Química, do Programa de Residência Pedagógica, é muito importante para formar professores sensíveis ao que é determinado pela Lei 10.639/03. Os bolsistas 2, 5 e 9, deixam explícito que apesar de ser muito difícil trabalhar a partir de um contexto que têm pouco domínio, é possível fazer relações entre a Química a História da África e Cultura afro-brasileira:

“Eu pelo menos não teria nada que eu não abordaria, tudo que foi apresentado não teria nada que eu me sentiria constrangido e nem que eu não vejo importância, principalmente no sentido de a gente combater o preconceito, tanto no sentido de conteúdos que a gente precisa falar e, muitas das coisas que o professor da universidade conversa com a gente de que as vezes a gente que forma nas ciências exatas acha que não precisa discutir esse tipo de coisa, aí deixa isso para o professor de filosofia e de sociologia discutir, e às vezes a gente consegue fazer isso dentro da química, e uma das nossas maiores preocupações que é justamente falar isso sem perder o conteúdo químico, por exemplo, trabalhar isso aí no terceiro ano, a gente vai trabalhar muito melhor do que a gente tem visto que é só nomenclatura e tal, a gente consegue trabalhar muita coisa, igual dá para trabalhar as propriedades das funções orgânicas que é uma coisa que eu acho muito interessante necessário de ser feita.”(Bolsista 2).

“Quando estava lendo seu artigo (Conteúdos Cordiais), eu estava no meu serviço, na internet, e tinham algumas palavras que eu não conhecia, então eu jogava no Google para poder entender o contexto, porque a gente é totalmente leigo, aí eu comecei a entender e ligar e depois disso eu acho bem interessante, que nem eu estava comentando com as meninas, eu também conseguiria fazer uma aula dessas, mesclando a cultura com a história e com a química tudo em uma aula, mas eu acho que seria uns 10 anos de prática no mínimo para eu conseguir montar uma aula dessas, eu não conseguiria hoje fazer e assim, ficou muito legal.”(Bolsista 5).

“Falando sobre essa parte de dificuldade, eu também teria um pouco de dificuldade, eu acho que além de ser um tema que gente tem que falar, a gente teria que conhecer a turma que nem os meninos falaram, uma turma a gente fala de uma coisa e que em outra a gente não pode falar e eu pensei num caso de inclusão, de um aluno que pode estar na sala que sofre preconceito por ser dessas religiões, abordar na forma de inclusão, mostrando pra todo mundo que não é isso que a gente pensa, que não é uma coisa ruim, eu pensei muito nessa parte, uma forma de incluir o aluno, igual vocês falaram a pouco, as vezes perguntar na sala se teria alguém daquela religião, as vezes ele não vai querer falar e aí quando começamos a falar a gente vai dar voz para o aluno e eu acho que seria um tema legal.” (Bolsista 9).

Para implementação efetiva da Lei 10.639/03 é necessário realizar uma reflexão sobre os currículos das instituições de ensino, de tal modo que o mesmo esteja diretamente relacionado com as concepções ideológicas, culturais e de crença dos envolvidos nesse processo da construção do ensino-aprendizagem das escolas (NETO, 2002). Desta forma, no decorrer dos anos seguintes a promulgação e implementação da Lei, que pode ser considerada um marco nessa luta histórica da população negra na busca de novos valores sobre um principal ponto de partida, o da mudança social (OLIVEIRA, 2016), ainda é presente nos currículos e no ambiente escolar a negação das diferenças culturais tão presentes na população brasileira.

Desse modo, ainda persiste o mito da democracia racial nos dias atuais conforme Silvério e Trinidad (2012), o reconhecimento da existência da discriminação e do medo consiste em uma questão relevante dentro da sala de aula, seja esse medo por parte dos pais, diretores etc. Com isso, é nítido o receio de tal retaliação por parte dos bolsistas 1, 6 e 2 em suas falas.

“(...) eu acho que eu ficaria um pouco de verdade, eu acho que eu ia moldar muito as coisas que eu iria falar, ter cuidado com as palavras, não por preconceito nem nada, mas eu faria isso para não fazer com que o aluno ache que eu estou falando daquilo no sentido de, olhe lá vive na igreja católica mas está falando de macumba, preocupar com esses pensamentos mesmo, então eu acho que esse seria o meu maior medo, do julgamento dos próprios alunos e até mesmo da escola em relação a isso.” (Bolsista 1)

“O problema é justamente, assim, o problema não é tanto o conteúdo, o problema é a interação entre o conteúdo, a sociedade e a comunidade, e esse é o maior problema, eu vivi isso no ano passado mesmo, aconteceu na escola que eu estava trabalhando de pai de aluno e aluno ir reclamar da aula de ensino religioso que apresentou várias religiões, e ficaram bravos por terem representado aquelas de matrizes africanas, então o cuidado que a gente tem que ter

é esse, de deixar claro igual o Gui falou que a gente não vai incentivar no sentido disso, que é certo e vocês estão errados.” (Bolsista 6).

“(…) na minha opinião seria as pessoas meio que deixam muito complexo esse assunto, e quanto mais as pessoas deixarem complexo mais difícil vai ser se tratar dentro sala de aula, por exemplo que nem o Eduardo falou que poderia ter pessoas dentro da sala de aula que poderiam ser e outras que não, eu acho que poderia trazer, e falar para as pessoas e perguntar para aquelas pessoas assim mesmo, se é assim que funciona mesmo para aquela pessoa que frequenta, então assim, não só para ele, por exemplo, conversar com os pais, que nem ele falou se o pai cristão por exemplo falar que aquilo não pode você questionar? Não, mas porque sinto que se tratar da sua religião dentro da minha sala de aula você ficaria contra? Você estaria se outras pessoas ficarem contra, tipo meio que argumentar sobre, não só aceitar as pessoas falarem que não quer aquilo e pronto, não, quanto mais você esconder mas a gente vai atrair isso, não é tão difícil falar se você pesquisar um pouquinho eu não saberia falar agora porque eu não sei de muita coisa, mas se você pesquisar um pouquinho você consegue.” (Bolsista 15).

“Pois é, mas aí no caso seria pimenta em si mas a questão da religião acredito que pode ser deixada de lado, que seria igual as pessoas falaram, que não se sentiriam confortáveis, porque pensa, a pimenta em si é muita coisa para falar mas e da religião eu acho que não sei se eu conseguiria falar.” O mesmo posteriormente complementa sua fala: “(…) eu pensaria que seria nesse sentido e você não falar em toda a aula da religião, mas você vai começar a discussão sobre isso e a todo momento que tivermos uma discussão química você pode voltar, então tipo assim, ah então é essa molécula texto de caráter aqui então por que eles conseguem usar a pimenta e não usam uma fruta, eu acho que fazer nesse recorte neste sentido seria bom.” (Bolsista 2).

Quando questionado se eles enquanto professores perguntariam, caso exista algum aluno pertencente a essas religiões, como que funciona, em outras palavras, trazer os alunos para a aula ou se eles pensariam que isso é muito constrangedor e, conseqüentemente deixar de lado, observou-se uma fala muito interessante por parte do bolsista 1 e da bolsista 3.

“Eu fico com medo por causa das coisas que a gente já ouviu falar, por exemplo uma aluna lá que os professores da universidade falaram, que preferiu falar que raspou a

cabeça porque estava com câncer do que falar que era o ritual da religião dela, então acho que assim ainda tem muito isso.” (Bolsista 1).

“Mas aí depende da identificação do aluno com a sua própria religião.” (Bolsista 3)

Essa “não identificação” religiosa está relacionada diretamente a essa discriminação, mesmo partindo de religiões que possuem mesmo cunho filosófico, conforme a fala do bolsista 12.

“eu acho que essa parte de religião sempre é muito complicada, porque eu lembro quando eu fazia, tanto no ensino médio e ensino fundamental a gente tinha uma matéria de ensino religioso, e aí chegou uma fase do curso que começou a ter muitos alunos evangélicos, então assim, a professora obrigava a sala a rezar o Pai Nosso, mas o evangélico não reza o Pai Nosso, e aí a professora queria sempre obrigar aqueles alunos evangélicos a fazer aquela oração, e aí começou a dar conflito com os pais, porque o pai ia na escola reclamar, porque a professora estava querendo obrigar o aluno a fazer uma coisa e que ela não concordava, e aí a professora pedia então para menina se retirar para o resto da sala fazer a oração. (Bolsista 12).

Com isso, devido ainda existirem casos como o de pessoas que são agredidas devido a seus diferentes posicionamentos religiosos, políticos, culturais entre outros, dentro de uma sociedade inteiramente padronizada, e dentro das ciências a sociedade possui uma característica histórica de ser: homem branco, europeu e heterossexual. Posteriormente foi questionado se eles acreditam que exista uma marginalização.

“eu acho que é (...), porque eu tive muito mais contato com pessoas que vivem nessas religiões aqui em Ituiutaba do que eu tive a minha vida inteira na minha cidade, agora respondendo sua pergunta, eu não perguntaria, eu acho que vai do aluno, por exemplo se ele estiver confortável com isso, acho que é muito da aceitação por causa dessa marginalização, mas se ele estiver confortável com isso e aceitar para ele mesmo, acho que a partir do momento que você começar a falar aí ele pode se sentir à vontade de falar “ nossa lá no meu terreiro a gente faz isso mesmo”, acredito que é muito questão da vivência.” (Bolsista 2).

Ao longo da discussão sobre esse padrão dentro da história das ciências, o Bolsista 6 e 15 levantaram uma questão muito importante sobre esse medo de encarar a sociedade.

“sim, é uma necessidade real, de sair da bolha, de parar de falar somente desses exemplos que você falou sobre o homem branco, heterossexual e europeu, porque a gente está convivendo no dia-a-dia e é na escola que a gente começa a ter contato com o que é diferente da nossa bolha, daquilo que a gente vive, então a gente trazer essas questões não somente africanas mas também as indígenas tem que sair da bolha, tem que conhecer as coisas novas para os alunos não chegarem lá fora e começarem a zoar e desrespeitar.” (Bolsista 6).

“Eu acho que quem tá mais incomodado é mais a gente do que os alunos, acho que o próprio professor fica mais incomodado de tratar o assunto do que os próprios alunos, porque, no caso quando o professor daqui da faculdade foi falar sobre tinham pessoas de várias vivências na sala só que todos ficaram empolgados em assistir aula e todos queriam assistir aula, só que a maioria das pessoas, nós mesmos como professores às vezes colocamos limitações na gente mesmo e acaba não dando, por achar que não convém abordar aquele assunto, e esse simples fato de não abordar acaba não trazendo aquele conhecimento que queríamos levar, porque assim, a gente como professor tem obrigação de procurar saber mais coisas, eu me sinto envergonhada hoje porque eu não sabia de muitas coisas sobre que eu fui aprendendo mais na faculdade, eu cresci numa família totalmente cristã evangélica, mas eu nunca fiquei contra com o professor ou um aluno que fosse falar sobre religião para mim, acho que é mais o professor que se limita sobre o assunto e ele mesmo vê aquilo como um tabu e como uma barreira e deve ser quebrada.” (Bolsista 15).

Diferentes realidades implicam em diferentes formas de abordar o conhecimento (Brasil, 1996) e, ao questionar os bolsistas sobre uma possível aplicação da temática em suas respectivas cidades e uma provável retaliação por parte dos pais, ocorreu um discurso que mostra uma certa discrepância por parte da população local.

“teria e muito, e eu pensei num caso de inclusão, de um aluno que pode estar na sala que sofre preconceito por ser dessas religiões, abordar na forma de inclusão, mostrando pra todo mundo que não é isso que a gente pensa, que não é uma coisa ruim, eu pensei muito nessa parte, uma forma de incluir o aluno, igual vocês falaram a pouco, as vezes perguntar na sala se teria alguém daquela religião, as vezes ele não vai querer falar e aí quando começamos a falar a gente vai dar voz para o aluno e eu acho que seria um tema legal.” (Bolsista 9).

“Igual a bolsista 10 falou, eu também a um ano ou dois anos atrás, acredito que assim que entrei na faculdade eu ficaria mais sentida, justamente porque que nem a bolsista 9 falou, na cidade dela é muito pequeno igual a minha e lá eu acho que eu nunca ouvi falar que tinha algum centro ou algum terreiro lá, eu não me lembro de ter mesmo, então assim eu sempre tive essa visão muito demonizada, e muitas vezes eu tinha era medo mesmo dessas religiões em si, então depois que eu entrei na faculdade, aí entra o que o bolsista 2 falou que é importante falar disso aqui dentro, eu acho que deu aquela abertura de mente e acredito que é ter cuidado com as palavras e saber falar, por exemplo foi trabalhado isso no colégio católico, então assim saber como falar e o que falar eu acho que é o essencial.” (Bolsista 1).

Consequentemente um dos bolsistas levanta a questão do medo dos pais e da comunidade escolar como um todo.

“Eu acho que um dos maiores problemas seria como esse assunto chegaria nos pais, por exemplo, um aluno chegar e falar pai a gente está aprendendo a Umbanda, Candomblé e o pai dizer a meu filho como assim? E o filho responder na aula de Química, e muito provavelmente o pai vai aparecer na hora na escola.” (Bolsista 9).

Alguns dos bolsistas argumentam sobre a questão da lei dar um subsídio aos professores dentro da sala de aula.

“Eu acho que nesse sentido dos dias atuais você que vai trabalhar com isso, sabe que a lei existe e pode te dar subsídio quando um pai ou uma mãe chegar para reclamar e você falar que tem o suporte da lei para fazer isso que estou fazendo, estou fazendo justamente para acabar com esse discurso de medo que vocês têm.” (Bolsista 2).

“Exatamente mostrar o plano de aula e falando, olha eu não estou falando para o seu filho ir para o terreiro eu estou apenas tentando ensinar ele Química através de uma outra visão, porque muitas vezes pode chegar no ouvido dos pais assim.” (Bolsista 1).

“Imagine um pai falar- eu não quero que você ensine religião quero que você ensine Química-, você pode falar senta aqui e dizer olha eu estou trabalhando Química.” (Bolsista 6)

O Bolsista 5 traz um contra-argumento no que diz respeito ao tipo de escola na qual esse conteúdo está sendo aplicado.

“Numa escola municipal e estadual é uma realidade, agora na escola particular os pais têm a vez, os pais têm a voz, e geralmente manda o professor embora na hora, dizendo nós não queremos e pronto, é a lei? Ok, mas nós não queremos e manda o professor embora na hora.” (Bolsista 5).

Partindo dessas falas, que vem demonstrando claramente um certo preconceito por parte dos bolsistas a respeito dessas religiões foi questionado ao Bolsista 10 sobre sua opinião dentro desse comportamento da comunidade escolar como um todo

“eu sou um pouco do que todo mundo falou aqui, principalmente se for falar na parte da história e tomar muito cuidado com as palavras que eu vou usar, porque eu sendo cristã e tendo o aluno cristão na sala que sabe que eu sou cristã e começo a falar essas coisas, vão começar a falar olha lá ela falando de outras religiões aí, então essa parte de escolher muito bem como que fala seria minha maior dificuldade (...)se fosse há um ano atrás isso seria muito invasivo para mim, hoje já não tenho mais a mente assim, eu diria que eu tenho a mente um pouquinho mais aberta, porque eu tenho lido bastante, já recebi muito questionamento sobre essa questão de religião, não somente das religiões mais até de ateístas também, então eu tenho lido muito e minha cabeça está mais aberta.” (Bolsista 10).

Ao questionar sobre um exemplo de um professor pertencente a uma religião cristã, se isso seria uma possível barreira no ensino da Química através dessa perspectiva foi levantado alguns argumentos por parte dos bolsistas.

“Para maioria dos cristãos sim, não quero generalizar, mas para a maioria isso é uma barreira, isso é demonizado.” (Bolsista 10).

“Não precisava nem ser um professor, às vezes algum irmão da igreja ficou sabendo que eu estaria trabalhando com isso chegar e falar nosso irmão tá trabalhando com o capeta, e vai começar todo alvoroço assim nesse sentido(...) e às vezes poderia me sentir constrangido, hoje em dia nem tanto mas algum tempo atrás eu também poderia me sentir constrangido.” (Bolsista 2).

As possibilidades de atendimento da Lei a partir da temática das pimentas importância

A importância de um ensino que preze pela valorização cultural dos estudantes foi destacada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 (LDB). Possuindo no seu Artigo 3º e inciso XI, que aponta o ensino de tal maneira que eles esteja vinculado no trabalho e nas práticas sociais. Através disso, os conteúdos curriculares devem ser abordados levando em consideração o cotidiano do aluno, mesmo que uma pequena parcela do mesmo. Sendo assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais par o Ensino Médio (PCNEM) e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) reconhecem a importância da abordagem do cotidiano do aluno no ensino como meio de contrapor o ensino tradicional que desvinculava a realidade dos discentes (BRASIL, 2000; OCEM, 2006, vol. 2). Dessa forma, a contextualização no ensino torna-se um meio de possibilitar uma aprendizagem pautada na criticidade, e nesse caso em específico, a construção do conhecimento químico se desenvolverá com um elo em relação ao meio cultural, em todas as dimensões possíveis de se encontrar na sala de aula, tal como suas implicações, sejam elas ambientais, econômicas, sociocultural, ético-políticas, científicas e tecnológicas (BRASIL, 2006, p.107).

Baseado nessas reflexões levantou-se o questionamento aos bolsistas se eles acham que essa temática se tornaria parte de uma contextualização, visando uma tentativa de buscar suas ideias acerca dos preceitos da Lei 10.639, de modo que fosse relatado a importância da mesma no que diz respeito a suas relações com a LDB e as PCNs, afim de que seja possível abordar a temática da mitologia e religiosidade Afro-brasileira e africana contextualizada com os conteúdos químicos. Mas também o fato dessa vivência ser muito específica, de acordo com a fala inicial de alguns bolsistas que trouxeram exemplos, um de formação evangélica e outro de formação católica, pode-se observar uma certa mudança nessas possíveis dificuldades citadas pelo bolsista 2.

“Não é questão de não posso, é questão de não conseguir, é de não saber, é que nem você trouxe o exemplo do bolo a pessoa pode não ter cozinhado mas provavelmente já viu a receita ou alguém fazendo a receita, alguém fazendo bolo, mesmo que não seja prática desse grupo você tem um contato com isso, mas eu não tenho contato nenhum e não conheço ninguém próximo.” (Bolsista 2)

Notou-se a partir da fala de um bolsista, de certa forma, um aspecto muito importante, principalmente quando citamos sobre a formação continuada, que de acordo com Imbernón (2010) trata-se de um processo constante de aperfeiçoamento dos saberes relacionados à atividade exercida em sala de aula.

“Mas aí é hora de aprofundar, (...) a primeira coisa que eu me deparei: problema, vou ter que estudar e me aprofundar nos meus conhecimentos, aí eu pensei como é que eu vou intermediar essa discussão, já fui e pensei numa sala de informática, vou montar um roteiro e nós vamos estudar juntos e lendo aquilo ali e conhecendo juntos, porque independente de religião é um aprofundamento do conhecimento.” (Bolsista 4).

Então o Bolsista 2 faz uma retratação a respeito dizendo “*eu nunca parei para estudar isso*”. O bolsista 4 então dá continuidade na sua fala:

“Então, a gente sempre tem que estar inserindo um assunto novo, e eu achei que esse seria perfeito dentro do nosso contexto(...)” (Bolsista 4).

A fala do bolsista 4 reforça ainda mais a importância da formação continuada no que diz respeito aos debates realizados nas instituições superiores no que diz respeito as diversidades epistemológicas (GOMES, 2012), principalmente nos cursos de Licenciatura e de Pedagogia.

Dentro da contextualização, o bolsista 3 remete a um ponto principal do ensino da Química através da temática.

“Eu acho que é muito válido, porque, é igual a gente sempre vem estudando sobre trazer o contexto e trazer a vivência do aluno para dentro da sala de aula, e se nessa sala tem um aluno que frequenta essa religião? Vai ser muito marcante para ele, a Química vai ficar na história da cabeça dele, porque ele nunca mais vai esquecer que a Química e que a pimenta surgiu lá no candomblé, e se usa para limpar a boca, que tem composto orgânico dentro daquela pimenta, então ali para ele vai ser o máximo.” (Bolsista 3).

Baseado na fala do bolsista 3 é importante reforçar a ideia de Gonzaga et al (2018), que retrata de forma significativa a motivação no que diz respeito a interação da diversidade cultural encontrada em sala de aula. Com isso, o aluno poderá enxergar não somente como um possível ritual religioso, e a partir disso, a aula se tornará mais interessante pois nesse momento existe

uma relação direta entre o ritual baseado na mitologia africana e a Química, de modo que nesse momento da sua formação possui uma troca de conhecimentos entre a ciência e cultura africana com a ciência europeia para realização do mesmo, remetendo a continuidade da fala do bolsista 3.

“É como eu estava dizendo, ficaria muito mais contextualizado, mesmo que para um aluno, e talvez os colegas poderiam até pensar em conversar com ele após a aula ou durante a aula para saber se realmente é aquilo, se é assim mesmo.” (Bolsista 3).

Pode-se observar na fala do bolsista 12 uma controvérsia no que diz respeito a utilização dessa contextualização relacionada com a mitologia africana, que indiretamente o mesmo defende a ideia do ensino tradicional, baseado em suas experiências no estágio e reforçando a ideia do despreparo dos profissionais da educação, pensando nessa forma de ensino, Perrenoud (1997) mostra que a escola com tais características reforça a reprodução das desigualdades sociais, de modo que a escola sendo limitada a essa forma de ensino carrega consigo somente as competências que são necessárias aos que desenvolverão seu futuro em um contexto acadêmico, assim, somente os que se decidem por esse caminho poderão aplicar esses conhecimentos.

“Então, eu acho que dessa forma aí não (trabalhando a Química das pimentas com as religiões afro-brasileiras) , porque tenho esse pensamento que na aula de Química o foco principal deveria ser química, lógico que temos que contextualizar com outros elementos do dia a dia, a Química da cozinha pode trazer essa temática, mas o foco principal deveria ser a parte da Química em si, porque assim, nos outros estágios que eu fiz, os dois que eu acompanhei projetos que traziam no início do semestre propostas prontinhas de tudo que deveria ser falado no semestre inteiro, só que o professor não sabe como a sala ia reagir com aquilo, e a sala que eu consegui acompanhar aquela ideia que estava programada até o fim do semestre, nas duas vezes que eu vi não teve um objetivo realizado, quando eu fiz o estágio em uma determinada escola da cidade, a professora trouxe a proposta da Química na agricultura, então ela explicou tudo sobre agricultura mas a Química na agricultura ela só citou, então a Química foi um complemento da aula e não foi a aula de Química em si, porque eu acho que o objetivo é relacionar agricultura, naquele caso com a Química, ela relacionar Química dentro de uma aula de agricultura, e também quando a gente estava falando no estágio 2, a gente fez uma oficina sobre relacionar a Química com direitos humanos, então assim, o objetivo era a

gente ensinar a Química e tentar intercalar com essa questão dos direitos humanos, só que assim, a proposta era muito boa, só que a gente não conseguiu levar ao pé da letra até o final, então a gente levou muita questão social do que questões de Química e os alunos participaram bastante, falaram do trabalho, da vida deles mas não surgiu aquela pergunta de Química que a gente precisava, assim a oficina foi muito boa a gente teve uma troca muito boa com os alunos, eles prestaram atenção no que a gente estava falando mas a parte de Química foi muito pequena, e assim, a gente poderia alcançar muito mais se fosse reformulado e de uma forma diferente.” (Bolsista 12).

Ao questionar os bolsistas sobre suas opiniões acerca das disciplinas na universidade, se elas preparam os futuros professores para trazerem essa abordagem contextualizada numa educação não racista (DA SILVA, 2005), os bolsistas 12 e 14 levantaram a questão da falta de preparo nos cursos de formação de professores enquanto os bolsistas 11, 13, 14 e 15 enfocam o conhecimento na forma de uma feira de ciências, colocando assim a responsabilidade para que os mesmos levem tais conhecimentos na sala de aula.

“Eu acho que a gente tem algumas matérias que faz a gente pensar em contextualizar, mas as matérias específicas que é aquela teoria que a gente vai explicar para os alunos elas não ajudam, tipo, a gente sabe do contexto a gente sabe o conteúdo químico mas a gente não sabe transformar aquilo em conteúdo de Química para o ensino médio que vai abordar a casa daquele aluno.” (Bolsista 12).

“(...) não é tão difícil falar se você pesquisar um pouquinho eu não saberia falar agora porque eu não sei de muita coisa, mas se você pesquisar um pouquinho você consegue (...) até porque uma sala heterogênea, tem muitas vivências de determinadas pessoas, eu acho que daria conta sim, não usar só na Umbanda mais usar também a culinária usar também outras questões.” (Bolsista 14).

“Eu acho que essa questão do aluno trazer e levar informação para sala de aula seria bem mais fácil do que o professor levar aquele assunto para os alunos, porque, vamos supor que o professor chega e fala sobre, essa questão religiosa talvez o aluno não tenha conhecimento sobre nada, como eu hoje eu não tinha, talvez o adulto vai chegar na sala com um preconceito do que é aquilo e vai ficar tão espantado como se o professor desse de primeira, acho que o aluno trabalhar isso antes de entrar na sala poderia até tentar abordar,

mas antes o professor falar, na próxima aula a gente vai abordar isso, então pesquisem o uso da pimenta nessas religiões, talvez o aluno tenha um conhecimento prévio daquilo e ele poderia entrar na sala de aula com a cabeça mais aberta.” (Bolsista 12).

“Mas assim, você abordar esse tema enfoque de uma feira, a escola pode até ir chamando os pais para participar, eu acredito que se torne bem mais fácil de se trabalhar, porque, se fala uma coisa para o aluno e ele entende uma coisa de uma determinada forma e chega em casa e ele fala de uma forma totalmente diferente para os pais, e aquilo ali se torna uma situação muito ruim, então, você poderia trabalhar tipo como uma filha chamando os pais e a comunidade escolar, para que eles possam entender realmente aquilo (...)seria mais fácil, porque quem iria conhecer seriam os alunos e não somente eu, então assim, é mais para o entendimento dos alunos em si, porque tem muitos alunos que não entendem quando o professor fala e quer destruir imagem daquele professor, eu já passei por isso na minha sala, era repleta de alunos assim, não gosto daquele professor e levava para casa que aquele professor é ruim, e talvez nem é, talvez é o entendimento do aluno e não foi bom, não quis perguntar nada, só escutou e levou para casa outra coisa aí chega nos pais e fala uma coisa, e o que acontece, os pais vem para cima atacar aquele professor certo, aí seria mais fácil porque seria, vamos supor, se eu passar alguma coisa pra o filho de alguém e surgiu alguma coisa, uma dívida no aluno, até o pai em si pode ajudar ele entender o assunto, passar a mostrar mais como a religião do que com algo discutível.” (Bolsista 13).

“ Eu particularmente acho que não daria certo, eu não faria dessa maneira, a maneira que o Bolsista 13 falou, é uma maneira que eu tinha pensado mas eu não tinha falado, que essa maneira mais fácil de você abordar a religião de uma forma, para ser seguro você precisaria de um tempo, então, uma oficina você teria um tempo então uma oficina você teria esse tempo que seria à noite, que você poderia abordar e talvez da forma que falaram separadamente em grupos que a pessoa passava e captando aquela ideia ficaria mais interessante, agora se passar um texto, no outro dia se for para trabalhar os alunos não aceitariam.” (Bolsista 11). A fala desse bolsista remete principalmente o medo de retaliação por parte da comunidade escolar.

“Eu acho que para a gente pode explicar um pouco mais a raiz e entender como que utiliza naquela religião para poder tratar do assunto da pimenta, porque você pode falar de pimenta e logo depois falar Exu, que nem ele falou isso é uma imagem demoníaca, é uma imagem demonizada, e as pessoas automaticamente vão entender que aquilo é do demônio, vai

entender como aquilo sendo macumba, então tipo eu acho interessante você abrir isso no começo para depois ligar como uma imagem dele foi se distorcendo e trabalhar a pimenta através dele.” (Bolsista 15).

“Eu acredito que teria que explicar isso sem o Exu (...) para mim eu não trabalharia a questão da religião esse igual você está pensando, em fazer mostrando para o aluno quem é o Exu, eu poderia estar representando assim que ela como ela (pimenta) é utilizada nessa religião, eu faria mais no assunto sobre o descobrimento das Américas e dos continentes, que é onde as pimentas fizeram grande parte dos descobrimentos, não só pimenta mas os condimentos em geral, então eu acho que foi lá atrás que você até falou da frase o caminho das especiarias, que a partir daí que eles foram atrás de buscar mais especiarias.” (Bolsista 14).

A tarefa de organizar e planejar as aulas não é um caminho fácil, tendo em vista que existem diferentes empecilhos que possam vir a ocorrer durante as aulas, porém é a partir dele que podemos encontrar caminhos e mudanças significativas, que, no contexto escolar possam vir a facilitar o trabalho do professor de modo que isso gere um impacto em todos os níveis de ensino (DALMAS, 2003). O planejamento é de extrema importância desde os primórdios da humanidade (GAMA, 2009), porém, devido as possíveis dificuldades encontradas na sala de aula, o plano não pode estar desvinculado das relações que há entre a própria escola e a realidade do aluno, sendo que parte do sentido de buscar novas alternativas, cujo objetivo é transformar a realidade existente. Levantando essa ênfase, foi sugerido pela parte do mediador que os bolsistas viessem a opinar sobre as possíveis mudanças em relação a temática proposta, e em alguns casos as mesmas vieram partindo dos pressupostos: falta de clareza em relação a forma de abordagem da temática, receio da comunidade escolar e principalmente a falta de domínio em relação ao entendimento da educação não racista que a lei refere.

“Então, aí eu acho que vai mais da questão dos objetivos, por exemplo, às vezes eu acho que esse é o problema de trabalhar com qualquer assunto controverso, seja trabalhar como pimenta pensando em religiões de matrizes africanas, seja trabalhar com drogas, justamente você saber isso e vai muito da experiência do professor e do contato que ele tem com a turma, por exemplo vou saber trabalhar de objetos fálicos com essa turma aqui? Por exemplo, dar os exemplos da parte do cristianismo dessa ideia e processo de demonização, de acabar com a religião de matriz africana e vai ficar tudo bem, ou se eu fizer isso vai gerar um alvoroço e não vai dar para trabalhar, então, não é tanto assim, é pensando em mim mesmo, nas experiências

que eu já tive no PIBID [Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, onde o mesmo possui administração nos âmbitos da Capes com base na portaria nº 7.219/2010 visando, principalmente, a formação do magistério], e no estágio, acho que vai do contato desse professor com a turma, de ter esta “maldade” mesmo, de saber onde ele vai, não é que eu não vá trabalhar, mas é tipo, saber onde eu posso ir e mesmo pensando no objetivo, igual, quando eu disse não tem nada que eu não falaria, mas talvez eu não falaria, por exemplo, pensando nessa parte de objetos fálicos, ou então que a pimenta é afrodisíaca, porque isso não seria o meu objetivo na aula, acredito que depende muito nesse sentido, porque ficaria mais fácil pensar e trabalhar nessa ideia dos antissépticos para eu trabalhar com as propriedades, mas aí no caso do afrodisíaco também dá mas aí já é uma outra parte.” (Bolsista 2).

No que diz respeito a apresentação e a forma de linguagem a ser utilizada, o bolsista 10 e 2 fazem uma críticas construtivas, no que diz respeito aos seus modos e crenças de como definir a mitologia cristã, ainda que usasse outros termos para se referir a uma visão mais cristianizada. Porém foi ressaltado que o termo mitologia é definido como uma estreita ligação com as narrativas bíblicas, porém Campbell discorda afirmando que nenhuma hagiologia⁵ incluindo a Bíblia seja uma revelação divina no que diz respeito da verdade incontestável. (Apud. CAMPBELL, 1988).

“Eu acho o seguinte eu tenho uma crítica a respeito, que foi uma parte que você estava falando, igual a questão da linguagem, e até fiquei pensando muito nessa questão da linguagem porque às vezes a gente fala uma coisa sem entender, quando você estava falando que o Exu é demonizado, você falou assim o Exu é demonizado pela mitologia cristã, mas para quem é cristão o cristianismo não é mitologia, então muito cuidado com a forma como você fala.” (Bolsista 10).

“Mas é o que a gente estava acabando de falar, ao invés de usar a palavra mitologia cristã você poderia colocar cultura cristã, já que você está falando de uma maneira que aqueles povos se identificam, talvez seja melhor você falar cultura do que mitologia e eu acho que a mesma coisa vale o contrário, muitas vezes a gente vai recorrer a mitologia para falar de cultura de matriz africanas, tipo ah mitologia africana, as vezes a gente pensar nisso acho que é válido também, então é melhor falar cultura africana, cultura indígena não mitologia, porque

⁵ Discurso a respeito dos santos e/ou das coisas santas.

eu acho que a ideia de mitologia dá uma ideia mesmo de diminuir, igual aquela ideia do mitos ou verdades, isso para o senso comum é bem estranho.” (Bolsista 10).

“Por que no senso comum o mito é uma ideia de ilusão.” (Bolsista 6). Com relação a tal discussão, acredita-se que a mesma não precisaria ocorrer de tal modo, sendo que a definição do que é mitologia, e que Campbell (1988) traz, foi levantada nesse exato momento.

Muito se pensou e se discutiu sobre a abordagem utilizando religião, conforme a fala do bolsista 14.

“Igual estava falando a pouco, o que eu entendi do trabalho é que você vai dar uma apresentação sobre a religião, você vai estar demonstrando aquela religião no caso, como eu poderia trabalhar que eu estarei abordando basicamente, nessa questão de estar falando da importância dos negros aí também seria uma questão bem mais fácil, porque a gente comentar de religião hoje em dia é muito complicado, mas a questão que eu estava falando é dar um exemplo dessa questão da pimenta na questão da oferenda para o Exu, igual estar citando, a pimenta também é utilizada em oferendas da religião tal, igual eu falei a gente não entende muito sobre esse assunto (...) eu não estaria entrando nessa questão da religião, eu estaria falando mais sobre a questão de que os negros trouxeram a pimenta para o Brasil no caso, assim estar falando que a pimenta foi utilizada pelos negros na questão de oferendas nas religiões para o Exu.” (Bolsista 14).

Tal modo de interpretar a religião e a forma de abordar apenas foi um dos inúmeros exemplos durante a entrevista, conforme o bolsista 2 remete.

“Eu não faria assim, mas igual ele falou, você está trabalhando no contexto da religião para sair do contexto da cozinha, então é uma outra abordagem, mas eu acho que também religião não deveria ser foco, a ideia da religião não é que seja o foco, a gente vai falar de Química mas a gente está usando outros contextos para falar de Química, eu não colocaria Exu, mas colocaria outra coisa relacionada a África, a cultura e a religião mas eu não deixaria isso de cara.” (Bolsista 2).

Silva (2005), afirma que estudar sobre a cultura negra em especial a mitologia é uma alternativa à uma posição cultural, estritamente grega, como marco civilizatório ou ainda dos marcos romanos cristãos. A mesma autora acrescenta:

Queremos afirmar que é possível tratar do assunto dentro de um processo cognitivo que não ponha em risco o caráter laico da escola pública. Isso significa dizer que defendemos a idéia de um programa educacional que ao tratar de cultura negra, em uma perspectiva absolutamente informativa e não doutrinária, contemple as mitologias e filosofias religiosas oriundas dos vários grupos étnicos africanos que compõem a sociedade brasileira, mesmo porque não existe cultura negra sem dimensão espiritual. Longe de cogitarmos um processo de doutrinação a partir das religiosidades africanas, para fazer frente à evangelização constante que ocorre nas escolas públicas, pretendemos e preferimos informar ao invés de doutrinar. Algumas experiências evidenciam que isso é possível (SILVA, 2005. p. 124)

Vale ressaltar que, abordar a temática religiosa e mitológica implica em tratar de assuntos extremamente controversos no que diz respeito da ideia da desconstrução do preconceito.

Considerações finais

A abordagem do conhecimento científico a partir de uma contextualização da mitologia africana se configura como uma possibilidade de uma educação anti-racista. Pois, elementos culturais estão, muita das vezes, diretamente ligados ao cotidiano dos alunos e, a forma como abordamos a ciência em sala é, por sua vez, embasada na ideia europeia, masculina e de laboratório. Tal abordagem de educação anti-racista é muitas vezes pouco trabalhada no cotidiano escolar.

A partir dos dados levantados pela pesquisa, é possível perceber a falta de preparo por falta de formação dos futuros profissionais da educação, no que diz respeito a Educação para as Relações Étnico-raciais, de maneira que é necessário ações mais efetivas dos cursos de formação docente, de modo que os mesmos visem a aplicação da Lei 10.639/03. O despreparo teórico e prático, na inserção das temáticas afro-raciais no currículo, traz diretamente uma reflexão, principalmente nas disciplinas de ciências exatas e da natureza, como se pôde observar nas respostas dos bolsistas, que muitas vezes não relacionaram a temática dentro do âmbito da contextualização utilizando as religiões de matrizes africanas.

A temática que aborda conteúdos étnico-racial com uma perspectiva de relacionar as pimentas, essas utilizadas em cultos de religiões afro-brasileiras, com o ensino de Química orgânica, se mostrou como uma ação importante no processo de formação do grupo estudado.

A resposta dos bolsistas levantaram uma abordagem possível: desconstruir o preconceito que vem desde as suas origens familiares e, elevar a construção de conhecimentos científicos relacionados diretamente com valores étnicos, a partir dessa abordagem. Nesse cenário, elaborar um material didático que seja possível servir de apoio ao professor de Química se mostrou, mesmo que de forma dividida, um possível método para a inserção da temática no currículo de Química, tanto das escolas de educação básica quanto nas universidades, embora esta seja apenas uma das várias ações que integram o conjunto de estratégias, afim da implementação da lei 10.639/03.

Em algumas falas, foi notória a importância dos planos pedagógicos, no que diz respeito ao norteamento do currículo, pois em alguns casos surgiram muitas dúvidas em como seria aplicada essa temática e a forma de abordagem dela, seja superficial como forma de exemplos, seja ela mais aprofundada como o proposto. Além disso, a falta de direcionamento e entendimento para a implementação da Lei interferiu diretamente no seu entendimento por parte dos bolsistas. Se fazendo possível perceber também que, mesmo constando nos documentos oficiais (OCNs, PCNEMs entre outros) os planos de curso, podem tornar-se contraditórios

quando não contemplam as recomendações legais da Educação para as Relações Étnico-raciais, se tornando assim um mero coadjuvante na construção do conhecimento e da formação de professores.

Comprovou-se que, tanto a formação inicial quanto continuada (e nesse caso específica na formação de caráter étnico-racial) é, de fato, um dos eixos mais críticos afim da implementação e da utilização da Lei 10.639 em sala de aula. Se mostrando assim uma certa insuficiência na formação, diretamente relacionada com a falta de conhecimento a respeito das leis, torna-se uma barreira de dificuldades na desconstrução do medo, diretamente relacionado com a comunidade escolar, quanto ao preconceito em relação a religiões de matrizes africanas. Assim, uma das estratégias seria, além dessa possível mudança dos currículos nas instituições de ensino superior, serem ofertados cursos de aperfeiçoamento, em relação a temática para a comunidade escolar. Afim de que seja rompido o silêncio, que perpetuou ao longo dos anos no Brasil, se fazendo possível também romper e desconstruir que somente os europeus fizeram ciência ao longo da história, reeducando assim o modo de pensar e de transmitir o conhecimento. Esse é o principal desafio na forma contemporânea de ensino.

Vale ressaltar a importância de trabalhos, em relação a temática, a fim de se tornarem caminhos para se repensar na eficiência do curso, e em formar profissionais capacitados, a importância de tais debates nas disciplinas do curso e, neste caso em específico, repensar os avanços e limitações no que diz respeito à preparação dos futuros professores, que possam utilizar as relações étnico-raciais como uma efetiva forma de educação anti-racista. Também se pode ressaltar a importância deste trabalho em relacionar as relações étnico raciais nos cursos de formação de professores, não somente para se tornarem profissionais capacitados e preparados para uma possível adversidade, mas também para se pensar nas contribuições à formação dos licenciandos.

Referencias

- ARAUJO, C. A. A. A Ciência Como Forma De Conhecimento. CIÊNCIAS & COGNIÇÃO (UFRJ), v. 8, n.3, p. 127-142, 2006.
- AZEVEDO, J. Tudo O Que Você Precisa Saber Sobre Umbanda - Vol. 1. [S.l.: s.n.] p. 49-52. 2013.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRAHÃO, M. H. M. B. O professor e o ciclo de vida profissional. In: ENRICONE, D. Ser professor. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BRASIL, Coleção de Leis do Império do Brasil - 1827, Página 71 Vol. 1 pt. I.
- BRASIL, Coleção de Leis do Império do Brasil - 1854, Página 45 Vol. 1 pt I.
- BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais Da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9. 394, de 20 de Dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.
- BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases, Lei nº 9394/96, 20 de Dezembro de 1996.
- BRASIL, IBGE. Censo Demográfico 2016. Disponível em <www.ibge.com.br>. Acesso em: 02 de nov. 2018.
- CAMBELL, Joseph. O Poder Do Mito. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Pallas Atenas, 1988.
- CHAER, G; DINIZ, R; &RIBEIRO, E. A. A técnica do questionário na pesquisa educacional. Revista Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 259, 2011.
- DALMAS, Ângelo. Planejamento Participativo Na Escola. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2003.
- DIAS, L. O. Desigualdades Étnico-Raciais E Políticas Públicas No Brasil. Revista da ABPN, v. 3, n. 7, 2012.
- GAMA, A de S; FIGUEIREDO, S. A. de . O Planejamento no Contexto Escolar. Web-Revista Discursividade: Estudos Linguísticos, v. 1, p. 23-37, 2009.
- GOMES, A. S.; FELISBINO, J. K. R. P.; GONDIM, M. S. C. PINHEIRO, J. S.; MOREIRA, P. O Uso Da Pimenta Como Forma De Abordagem Temática De Química E Da Cultura Afro-Brasileira E Indígena. In: Simpósio Mineiro De Educação Química, I, 2011, Viçosa: UFRV, 2011.

GONZAGA, K. R.; MARTINS, A. R.; RAYKIL, C. O Professor De Química E A Lei 11.645/08: discutindo a educação das relações étnico-raciais em Porto Seguro. *Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar*, v. 04, p. 51-68, 2018.

IMBERNÓN, F. *Formação Continuada De Professores*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

OLIVEIRA, A. S. A Lei 10.639/03 E As Limitações Quanto A Sua Aplicabilidade Na Escola Maria Do Carmo Bezerra. *Redenção*, Junho de 2016.

OLIVEIRA, J. P. de; GOULART, T. E. E. História e cultura afrobrasileira e indígena em sala de aula: a implementação da Lei 11.645/08 nas escolas. *Aedos*, nº11, vol.4 – set. 2012.

OLIVEIRA, R. D. V. L.; QUEIROZ, G. R. P. C. (Org.). *Conteúdos Cordiais: Química Humanizada Para Uma Escola Sem Mordaças*. 1. ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.

PRANDI, R. O Brasil Com Axé: Candomblé E Umbanda No Mercado Religioso. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n.52, p. 51-66, 2004.

PRANDI, R. Exu, De Mensageiro A Diabo: Sincretismo Católico E Demonização Do Orixá Exu. *Revista Usp*, São Paulo, n.50, p. 46-65, 2001.

PRANDI, R. Referências Sociais Das Religiões Afro-Brasileiras: Sincretismo, Branqueamento, Africanização. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 4, n.8, p. 151-167, 1998

PERRENOUD, Ph. L'Analyse Collective Des Pratiques Pédagogiques Peut-Elle Transformer Les Praticiens? In: *ACTES De l'Université d'Été L'analyse Des Pratiques En Vue Du Transfert Des Réussites*. Paris, Ministère de l'Éducation Nationale, de l'Enseignement Supérieur et de la Recherche, 1997.

SANTOS, E da S. *Objetos De Aprendizagem Como Mediadores Para O Ensino De História Africana E Afro-Brasileira: Um Olhar Sobre A Prática Do Professor De Química*. 2014. 117 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Exatas e da Terra) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

SANTOS, L. C. L.; SANTANA, A. N.; FARIAS, F. N. R. *Dificuldades Quanto A Debates Na Escola Acerca Da Cultura Afro-brasileira*. 2014.

Secretaria de Educação Básica. *Orientações Curriculares Para o Ensino Médio*; volume 2. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

SILVA, A. R. S. da; SILVA, R. S. da. A História Do Negro Na Educação: Entre Fatos, Ações E Desafios. *Revista FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 14, n. 24, p. 193-204, jul./dez, 2005.

SILVA, J. P.; ALVINO, A. C. B.; SANTOS, M. A.; SANTOS, V. L. L.; BENITE, A. M. C. Tem Dendê, Tem Axé, Tem Química: Sobre História E Cultura Africana E Afro-Brasileira No Ensino De Química. *Química Nova Na Escola*, v. 39, p. 19-26, 2017.

SILVÉRIO, V. R. e TRINIDAD, C. T. Há Algo Novo A Se Dizer Sobre As Relações Raciais No Brasil Contemporâneo? Educ. Soc. (online), 33(120), 2012.

WESTPHAL, Márcia Faria; BÓGUS, Claudia Maria; FARIA, Mara de Mello. Grupos focais: experiências precursoras em programas educativos em saúde no Brasil. Bol. Oficina Sanit. Panam., v.120, n.6, p.472-481, 1996.

ANEXO A- ENTREVISTA COM RESIDENTES – 1º GRUPO

No primeiro momento foi realizado uma breve introdução sobre a proposta de trabalhar a química das pimentas sobre uma perspectiva das religiões afro-brasileiras utilizando a entidade Exu, abordando o mesmo, sobre um olhar do candomblé e umbanda. E após esse momento de introdução, um debate foi iniciado com a pergunta: como os residentes utilizariam essa temática, quais seriam as dificuldades de trabalhar essa temática, se fariam o trabalho pensando a perspectiva religiosa e o que eles não trabalhariam?

Bolsista 1: Eu queria compartilhar isso que aconteceu comigo que logo quando estava fazendo o projeto da química do cabelo numa determinada escola da cidade durante o PIBID eu estava lá e estava conversando com uma aluna e ela começou a perguntar de qual religião eu era eu falei que era católica e ela falou eu gosto da igreja católica mas eu já frequentei o Candomblé e ela começou a falar disso e como eu já tinha tido conversa antes com o Juliano, eu saberia falar alguma coisa sobre se não fosse isso eu não teria falado, e ela conversando comigo super interessada e falando do jeito que era que ela estava participando, que a avó dela é, aí eu fui e comecei a contar essa história da pimenta, como que se deu e ela ficou muito interessada e disse- tá vendo gente a química explica muita coisa- que as pimentas meio que limpava a boca, aí ela ficou muito interessada, e assim eu acredito que é uma proximidade com muitos alunos e eles vão saber mais que a gente mesmo que provavelmente, não sei porque eu não sei se alguém aqui frequenta ou não, e assim é longe da minha realidade, mas saber um pouquinho dessa cultura que às vezes a gente nem sabe direito, de onde veio, como que é e já vai julgando as vezes a gente saber falar, não precisa você falar para pessoa acreditar, porque essa é a maior dificuldade, achar que você está falando isso para pessoa acreditar naquilo que é diferente da crença que ela tem, mas trazer a química para a realidade de muitas pessoas que estão ali ou até mesmo saber respeitar para evitar acontecimento como esses que você colocou aí para a gente, eu acho assim que é importante a gente dá uma bloqueada nos nossos próprios preconceitos para poder aproximar do aluno e fazer com que ele aprenda alguma coisa relacionada a química nesse contexto.

Bolsista 2: eu acho que, pelo menos para mim a maior dificuldade de trabalhar com isso é justamente por falta de conhecimento, como que eu vou falar de um assunto que eu não sei principalmente a parte histórica quando você aborda e também de conhecimento das religiões de matrizes africanas que é um negócio que querendo ou não é distante da realidade como a Bolsista 1 falou, quem não participa dessas religiões, não tem contato e quando tem contato é nessa perspectiva de demonização e de análise da cultura, então para mim essa seria a maior

dificuldade, justamente nesse sentido de não saber que tem coisas para ser abordada, e outra coisa que às vezes eu fico me questionando é, porque quando eu estava no ensino fundamental na aula de educação religiosa quando o professor começou a abordar religiões diferentes do cristianismo um grupo de pais e mães foram na escola protestar contra isso, falar que não podia falar, que não aceitava, a minha mãe é evangélica, e ela não concordou de tirar, porque justamente a questão de ter contato mesmo, e eu acho que é isso que a Bolsista 1 falou, eu acho que quando a gente se propõe a dar esse tipo de abordagem a gente tem que deixar bem definido que a nossa ideia não é evangelizar, não é fazer com que você acredite na religião, eu acho que isso para mim seria importante definir bem até onde você vai, para não entrar no sentido que querendo ou não, pode ferir ou não a religião de outra pessoa, e até onde você pode ir com conteúdo eu acho que para mim seria a maior dificuldade seria nesse sentido.

Mediador: Vocês acham que isso é contextualização? Pensando assim, porque estou tentando ver as outras ideias que vocês têm, e quando eu trago religião para aula eu estou trazendo um exemplo, uma aplicação, eu estou contextualizando, eu estou aproximando aquele conteúdo de uma outra vivência do aluno? Ou o fato dessa vivência muito específica, igual a vocês trouxeram dois exemplos, um de formação evangélica e outro de formação católica, ah isso não faz parte da minha vivência então eu não posso trazer esse contexto, mas aí, por exemplo muitos professores não sabem cozinhar e mesmo assim na hora de trabalhar na parte de estequiometria utilizam a receita de bolo, entenderam onde eu quero chegar? Ou estou viajando?

Bolsista 2: Não é questão de não posso ou questão de não conseguir, é de não saber, é que nem você trouxe o exemplo do bolo a pessoa pode não ter cozinhado mas provavelmente já viu a receita ou alguém fazendo a receita, alguém fazendo bolo, mesmo que não seja prática desse grupo você tem um contato com isso, mas eu não tenho contato nenhum e não conheço ninguém próximo.

Bolsista 3: Mas as vamos supor que a gente vê.

Bolsista 4: Mas aí é hora de aprofundar, igual eu vi aqui que até comentei ontem indo atrás do Juliano, eu tentei aplicar essa proposta na minha sala e a primeira coisa que eu me deparei: problema, vou ter que estudar e me aprofundar nos meus conhecimentos, aí eu pensei como é que eu vou intermediar essa discussão, já fui pensei na sala de informática, vou montar um roteiro e nós vamos estudar juntos e lendo aquilo ali e conhecendo juntos, porque independente de religião é um aprofundamento do conhecimento.

Bolsista 2: Eu nunca parei para estudar isso.

Bolsista 3: eu acho que é muito válido, porque, é igual a gente sempre vem estudando sobre trazer o contexto e trazer a vivência do aluno para dentro da sala de aula, e se nessa sala tem um aluno que frequenta essa religião? Vai ser muito marcante para ele, a química vai ficar na história da cabeça dele, porque ele nunca mais vai esquecer que a química e que a pimenta surgiu lá no candomblé, e se usa para limpar a boca, que tem composto orgânico dentro daquela pimenta, então ali para ele vai ser o máximo.

Mediador: e ali não vai ser somente um ritual porque eu tenho uma “explicação científica” para aquilo que eu vejo acontecendo nas coisas da minha religião, então eu vejo aquilo acontecendo no centro e aquilo para mim é místico, aquilo para mim é sagrado, mas agora tem alguém que está dando “valor científico” e olha o quanto isso é importante, quando eu penso lá na frente isso é “testado cientificamente”, então assim, o testar cientificamente eu estou batendo o carimbo é que aquilo tem uma validade diferente, olha como isso muda, pegando exemplo da Bolsista 3, o aluno vê aquilo e agora ele vai perceber com outro olhar, então para ele vai ser tipo, nossa agora o professor falou daquilo.

Bolsista 3: é como eu estava dizendo, ficaria muito mais contextualizado, mesmo que para um aluno, e talvez os colegas poderiam até pensar em conversar com ele após a aula ou durante a aula para saber se realmente é aquilo, se é assim mesmo.

Mediador: e com o que vocês ficariam constrangidos de falar? O que de forma nenhuma vocês fariam, tipo, isso eu não falaria nunca na aula e por que?

Bolsista 2: eu pelo menos não teria nada que eu não abordaria, tudo que foi apresentado não teria nada que eu me sentiria constrangido e nem que eu não vejo importância, principalmente no sentido de a gente combater o preconceito, tanto no sentido de conteúdos que a gente precisa falar e, muita das coisas que o Dalmo conversa com a gente de que as vezes a gente que forma nas ciências exatas acha que não precisa discutir esse tipo de coisa, aí deixa isso para o professor de filosofia e de sociologia discutir, e às vezes a gente consegue fazer isso dentro da química, e uma das nossas maiores preocupações que é justamente falar isso sem perder o conteúdo químico, por exemplo, trabalhar isso aí no terceiro ano, a gente vai trabalhar muito melhor do que a gente tem visto que é só nomenclatura e tal, a gente consegue trabalhar muita coisa, igual dá para trabalhar as propriedades das funções orgânicas que é uma coisa que eu acho muito interessante necessário de ser feita.

Mediador: dá para você trabalhar a questão de interações intermoleculares também, que é um outro caminho pensando em primeiro ano. E também abordar outras questões do tipo como que sua família curte, como que seus pais curtem a pimenta, se usam mais no óleo, se usam mais no vinagre, porque isso, porque naquilo e assim trabalhar a ideia de solubilidade,

por exemplo eu curto na cachaça porque fica a cachaça fica mais forte ou fica mais ou menos, então assim, trazer essas ideias de como as famílias fazem para tentar buscar essas explicações para aquilo, em outras palavras problematizar.

Bolsista 5: e outra, a parte de extração, ver pigmentos, porque a pimenta tem várias cores, essa parte de extração de pigmentos dá para trabalhar muita coisa.

Mediador: sim, a ideia de pigmentos está diretamente relacionada com a concentração desses compostos que eu falei, no caso a capsaicina é a piperina.

Bolsista 6: daria até para fazer uma feira de ciências né.

Mediador: eu achei engraçado, porque de verdade eu estava esperando vocês trazerem mais problemas, porque assim de verdade, eu pensei que vocês iriam falar sobre outros problemas por trazer a religião para dentro da sala de aula, pensando que vocês não trariam essa abordagem, então de certa forma estou achando um pouco esquisito a naturalidade como que vocês estão lidando com isso, e confesso pra vocês que estou bem surpreso de uma forma positiva.

Bolsista 2: é porque a gente está acostumado a falar isso com o Juliano (professor das disciplinas de Ensino de Química no ICENP UFU) também.

Bolsista 3: sim, ele fala muito sobre isso nas aulas.

Bolsista 1: mas é lógico que eu acho que eu ficaria um pouco de verdade, eu acho que eu ia moldar muito as coisas que eu iria falar, ter cuidado com as palavras, não por preconceito nem nada, mas eu faria isso para não fazer com que o aluno ache que eu estou falando daquilo no sentido de, olhe lá vive na igreja católica mas está falando de macumba, preocupar com esses pensamentos mesmo, então eu acho que esse seria o meu maior medo, do julgamento dos próprios alunos e até mesmo da escola em relação a isso.

Bolsista 2: da escola e dos pais também né?

Bolsista 6: o problema é justamente, assim, o problema não é tanto o conteúdo, o problema é a interação entre o conteúdo, a sociedade e a comunidade, e esse é o maior problema, eu vivi isso no ano passado mesmo, aconteceu na escola que eu estava trabalhando de pai de aluno e aluno ir reclamar da aula de ensino religioso que apresentou várias religiões, e ficaram bravos por terem representado aquelas de matrizes africanas, então o cuidado que a gente tem que ter é esse, de deixar claro igual o Bolsista 2 falou que a gente não vai incentivar no sentido disso, que é certo e vocês estão errados.

Bolsista 2: sim, eu estou só apresentando uma cultura.

Bolsista 6: sim, é exatamente apresentar e não incentivar e não pregar, é a interação com o conteúdo e essa abordagem.

Mediador: que nem uma pessoa contou um caso para mim, algum tempo atrás ela estava falando sobre a estrutura da maconha e na hora que ela estava falando de polaridade, o menino falou, ah por isso que fazem brigadeiro de maconha, e aí ela ficou toda desconfortável e desconcentrada, porque ela não sabia que era possível fazer brigadeiro de maconha, então fico pensando assim, quando você dá gás para esse tipo de discussão vai surgir outros exemplos e que não necessariamente estou confortável para falar daquilo, estou falando assim, porque tem coisa pensando que quando eu for trabalhar isso algumas coisas vão fugir desse aspecto.

Bolsista 2: então, aí eu acho que vai mais da questão dos objetivos, por exemplo, às vezes eu acho que esse é o problema de trabalhar com qualquer assunto controverso, seja trabalhar como pimenta pensando em religiões de matrizes africanas, seja trabalhar com drogas, justamente você saber isso e vai muito da experiência do professor e do contato que ele tem com a turma, por exemplo vou saber trabalhar de objetos fálicos com essa turma aqui? Por exemplo, dar os exemplos da parte do cristianismo dessa ideia e processo de demonização, de acabar com a religião de matriz africana e vai ficar tudo bem, ou se eu fizer isso vai gerar um alvoroço e não vai dar para trabalhar, então, não é tanto assim, é pensando em mim mesmo, nas experiências que eu já tive no PIBID e no estágio, acho que vai do contato desse professor com a turma, de ter esta “maldade” mesmo, de saber onde ele vai, não é que eu não vá trabalhar, mas é tipo, saber onde eu posso ir e mesmo pensando no objetivo, igual, quando eu disse não tem nada que eu não falaria, mas talvez eu não falaria, por exemplo, pensando nessa parte de objetos fálicos, ou então que a pimenta é afrodisíaca, porque isso não seria o meu objetivo na aula, acredito que depende muito nesse sentido, porque ficaria mais fácil pensar e trabalhar nessa ideia dos antissépticos para eu trabalhar com as propriedades, mas aí no caso do afrodisíaco também dá mas aí já é uma outra parte.

Mediador: mas olha aí o tanto que é fácil associar com afrodisíaco, por exemplo, vamos supor que na sala de aula tenha uma pessoa que tem uma tatuagem de pimenta, porque ela fez a tatuagem de pimenta? No caso aí é a representação da pimenta no contexto das tatuagens né, viu que não é uma representação específica dessa religião, eu já entrei no saber popular e já entrei no conhecimento que todo mundo tem.

Bolsista 2: nossa eu nunca tinha parado para associar isso, agora que você falou que me veio essa relação, assim de verdade eu nunca tinha feito essa relação.

Mediador: pois é a pimenta tem muito dessa relação, na nossa cultura não necessariamente vai ter em outras por conta dessa miscigenação.

Bolsista 6: e fora que eles falam também no artigo que é usado também na medicina, e eu fiquei pensando, porque afeta alguns vasodilatadores, e algumas pessoas com problemas devem tratar também com essas estruturas da pimenta, eu achei bem interessante isso.

Mediador: quando eu estava fazendo a disciplina de MEQ 2, eu cheguei a comentar sobre isso que alguns componentes da pimenta, nesse momento eu não me lembro quais, eles são utilizados também como anestésicos, então assim, existem uma gama de assuntos que podemos utilizar a pimenta para trazer dentro da sala de aula, a bioquímica desses compostos, como extrair esses compostos, a questão do spray de pimenta, enfim, você pode trazer vários e vários conteúdos ao longo das suas aulas, você pode trabalhar o ano inteiro, em turmas de 1º, 2º e 3º ano, quase todos os conteúdos de química relacionados com a pimenta e mesmo assim continua com coisas a serem abordadas nos anos seguintes.

Bolsista 1: pois é, mas aí no caso seria pimenta em si mas a questão da religião acredito que pode ser deixada de lado, que seria igual as pessoas falaram, que não se sentiriam confortáveis, porque pensa, a pimenta em si é muita coisa para falar mas e da religião eu acho que não sei se eu conseguiria falar.

Mediador: então, a ideia é você levar a religião para trazer a pimenta com outro contexto que não seja o da cozinha, porque quando a gente fala sobre pimenta primeiramente pensamos em cozinha, e a pimenta não está ligada somente na cozinha, ela tem diversos fins seja para medicina, na cultura de um povo e, quando você traz a parte da cultura, você pode voltar no Brasil desde suas origens, e mesmo assim, os indígenas daqui traziam a ideia da pimenta como várias outras aplicações também, principalmente como ferramenta de guerra e também religiosas, os primeiros “sprays” de pimenta foram “inventados” pelos nossos indígenas, então muita coisa você pode trazer exatamente para trabalhar os mesmos conteúdos.

Bolsista 4: é importante você trazer esta abordagem, porque você leva também um pouco do contexto histórico.

Bolsista 2: eu acho que também é a minha preocupação, porque o que a gente vai fazer não é dar aula de religiosidade ou uma aula de história, é uma aula de química, mas a gente vai usar como ferramenta e suporte para discussão essas disciplinas, nesse caso, em um momento, em uma aula que você vai falar da religião, você não vai trabalhar assim, eu pelo menos penso e entendo assim, se eu estiver falando errado me corrija.

Mediador: a ideia é essa, saber como você faria você utilizaria esse contexto e como vocês incorporariam isso nas suas aulas.

Bolsista 6: sem contar que podemos trazer o questionamentos de, a beleza mastigo uma pimenta, mas porque não mastigam uma fruta por exemplo, porque eles usam a pimenta?

Bolsista 2: tudo bem agora, modelando a minhas palavras, eu pensaria que seria nesse sentido e você não falar em toda a aula da religião, mas você vai começar a discussão sobre isso e a todo momento que tivermos uma discussão química você pode voltar, então tipo assim, ah então é essa molécula texto de caráter aqui então por que eles conseguem usar a pimenta e não usam uma fruta, eu acho que fazer nesse recorte neste sentido seria bom.

Mediador: nessa aula que estamos falando, vocês perguntariam para esses alunos se existe alguém que frequenta umbanda ou candomblé, vocês jogaram a bola pro aluno?

A maioria das pessoas respondem: eu perguntaria.

Mediador: por exemplo, como que funciona no seu terreiro, você já viu essa discussão usar pimenta, em outras palavras, vocês trariam os alunos para sua aula ou vocês pensariam não isso é muito constrangedor e eu vou deixar de lado?

Bolsista 1: eu fico com medo por causa das coisas que a gente já ouviu falar, por exemplo uma aluna lá que o Juliano e o Dalmo falaram que preferiu falar que raspou a cabeça porque estava com câncer do que falar que era o ritual da religião dela, então acho que assim ainda tem muito isso.

Bolsista 3: mas aí depende da identificação do aluno com a sua própria religião.

Bolsista 1: mas então, teve uma menina chegou para mim conversou sobre isso, ela chegou e perguntou.

Mediador: vocês acham que isso é marginalizado, no sentido de como as pessoas escondem?

Bolsista 2: eu acho que é.

Mediador: eu pergunto porque as pessoas que eu conheço falam naturalmente, não escondem que é, eu por exemplo não escondo que eu sou da umbanda.

Bolsista 4: acho que poderia começar com uma pesquisa sobre isso.

Bolsista 1: eu acho que aqui em Ituiutaba não tem muito disso.

Bolsista 2: eu também acredito nisso, porque eu tive muito mais contato com pessoas que vivem nessa religião aqui em Ituiutaba do que eu tive a minha vida inteira em BH, agora respondendo sua pergunta, eu não perguntaria, eu acho que vai do aluno, por exemplo se ele estiver confortável com isso, acho que é muito da aceitação por causa dessa marginalização, mas se ele estiver confortável com isso e aceitar para ele mesmo, acho que a partir do momento que você começar a falar ai ele pode se sentir à vontade de falar “ nossa lá no meu terreiro a gente faz isso mesmo”, acredito que é muito questão da vivência.

Mediador: deixar espontâneo?

Bolsista 2: é.

Bolsista 1: igual a Bolsista 10 até comentou o exemplo da menina, que ela nunca falou na aula aí do nada foi só falar que ela começou a puxar o assunto, então assim é deixar mais solto.

Mediador: olha o tanto que é legal, o exemplo da Bolsista 10, é muito disso né, de você dar a voz para o aluno, por que assim, o exemplo da química é sempre branco, homem, heterossexual e europeu, e todo exemplo que a gente dá é só focado nesse público, como uma única exceção mulher, enfim, é sempre esse grupo, sempre essas quatro características numa pessoa só, e aí quando eu falo de um outro lugar, de uma outra pessoa e uma outra cor, eu começo a dar voz para outras visões, para o aluno se sentir incluído, por isso que eu acredito que a Bolsista 10 deu voz para o aluno dela, aí eu consigo perceber que eu posso fazer essa migração, não sei o que vocês acham.

Bolsista 2: então é por isso que eu falei, eu não perguntaria porque muitas vezes, ao invés de você dar voz você vai deixar ele acuado perguntando, pelo menos eu entendo assim.

Mediador: quando eu estava no PIBID lá no Municipal, aplicamos um projeto no dia da consciência negra e teve um momento que um bolsista chamou um menino, e ele sabia que esse menino era do movimento negro, e aí ele chamou o aluno e falou assim, ah vem cá, com intenção de que o menino desse contribuição, e o menino veio cheio achando que o Bolsista iria zoar ele na frente das pessoas, e na hora que o Bolsista falou- queria que você contasse sobre o 20 de novembro, porque essa data é importante-, e depois disso o menino ficou todo feliz e começou a contar, ele que chegou na defensiva achando que iria ser zoadado mas aí o Bolsista acabou dando voz para ele, e o menino ficou falando muito tempo sobre a importância desse dia, o que que é tal, e criticando a postura de como as pessoas encaram 20 de novembro, a fala do menino foi bem interessante. Por isso eu perguntei, porque às vezes dar a voz, e perguntar, ah você faz parte? Porque às vezes o aluno vai estar constrangido e não vai querer falar sem que você pergunte, e às vezes é a chance dele se mostrar frente o grupo- olha eu faço parte desse grupo de sua cultura-, e ao mesmo tempo devemos lembrar que adolescentes querem “renegar” seus pais então assim, é um momento de ruptura, então às vezes aqueles que já frequentaram mas não frequentam mais, os pais frequentam mas eles não, e estão um período fora.

Bolsista 7: estou aqui pensando sabe, estou meio calada porque eu anotei algumas coisas sobre o grupo funcional, e eu estou achando ótimo isso para o meu projeto.

Mediador: o que você teria facilidade de trabalhar? E o que você teria dificuldade?

Bolsista 7: então, na verdade eu teria dificuldade em tudo, porque eu não consigo enxergar e mostrar o grupo funcional, planejar uma aula com isso porque eu nunca dei uma aula, e eu

não saberia fazer isso, então para mim eu teria dificuldade em tudo, teria dificuldade em falar de religião, direitos humanos e eu teria dificuldade em tudo praticamente.

Mediador: exatamente por isso que você teria que ter um tempo para você preparar isso, e vai abordar várias questões, igual a gente vê muitas vezes na faculdade sobre a formação continuada, esse projeto ele não surgiu do nada, tem alguns anos que eu já estou estudando isso e, por eu ser de uma religião de matriz africana de certa forma eu tenho essa facilidade, então eu entendo que outras pessoas não têm essa mesma facilidade por isso sempre é bom você ir mais afundo possível no conhecimento daquilo que você não domina muito bem, e assim trazer esse contexto é muito interessante, por quê como eu acabei de dizer sobre o menino do PIBID, você não está trazendo somente no 20 de novembro, você está trazendo a ideia ao longo de todo o ano letivo, e igual algumas pessoas citaram sobre o medo dos pais, por isso que existe a lei 10.639, que nem o professor aqui da UFU que foi expulso da escola na qual ele trabalhava exatamente por trabalhar nessa perspectiva, eu até comentei com ele, porque ele não processou a escola usando a lei a seu favor, e ele disse que preferiu não fazer isso e deu suas razões para isso, enfim é interessante se você trazer as questões do negro e do indígena no ensino de química porque querendo ou não isso está dentro da nossa cultura, muitas coisas mesmo, por exemplo, fazer sabão caseiro, é uma questão trazida ao longo da história desde muito tempo, na África eles faziam isso porém usando outros elementos bases, hoje em dia nós temos a soda cáustica, mas eles utilizavam as cinzas do carvão, e hoje em dia, aqui na cidade mesmo, tem muitas famílias que utilizam dessa cultura de fazer o próprio sabão, na minha família por exemplo fazemos, então assim, é uma questão que está enraizada na nossa cultura, que por sua vez é bastante miscigenada.

Bolsista 6: sim, é uma necessidade real, de sair da bolha, de parar de falar somente desses exemplos que você falou sobre o homem branco, homossexual e europeu, porque a gente está convivendo no dia-a-dia e é na escola que a gente começa a ter contato com o que é diferente da nossa bolha, daquilo que a gente vive, então a gente trazer essas questões não somente africanas mas também as indígenas tem que sair da bolha, tem que conhecer as coisas novas para os alunos não chegarem lá fora e começarem a zoar e desrespeitar.

Bolsista 8: na hora que você perguntou sobre o que eu teria dificuldade, eu sentiria dificuldade sobre como colocar isso, porque eu sou totalmente leiga nessa parte, então eu teria que estudar para ter todo um preparo e colocar isso em ação, porque eu tenho um pouco de dificuldade exatamente por não saber sobre.

Bolsista 3: quando estava lendo seu artigo, eu estava no meu serviço na internet, e tinham algumas palavras que eu não conhecia, então eu jogava no Google para poder entender o contexto, porque a gente é totalmente leigo, aí eu comecei a entender e ligar e depois disso eu acho bem interessante, que nem eu estava comentando com as meninas, eu também conseguiria fazer uma aula dessas, mesclando a cultura com a história e com a química tudo em uma aula, mas eu acho que seria uns 10 anos de prática no mínimo para eu conseguir montar uma aula dessas, eu não conseguiria hoje fazer e assim, ficou muito legal.

Bolsista 2: eu ia falar isso, por isso que é interessante trazer essas discussões para os cursos de formação justamente porque já que a gente precisa trabalhar a lei 10.639, é uma lei você tem que trabalhar mas como que a gente vai trabalhar se a gente não recebeu durante a formação nenhum subsídio para fazer isso, aí eu acredito que, talvez voltando lá no que eu falei, no começo seria essa minha maior dificuldade, igual a gente não sabe fazer isso como que eu vou trabalhar? Como que eu vou trazer religiões de matrizes africanas e indígenas na educação dentro da química? Por isso eu acredito que existem áreas que estão recebendo o grande destaque dentro do ensino de química, eu acho bem interessante a gente pensar nisso durante o curso e tentar levar isso durante a prática.

Bolsista 8: porque eu acho bem interessante levar isso e abordar outros assuntos, porque que nem a Bolsista 1 falou, eu por exemplo sou leiga mas eu gostaria de saber sobre, eu me interessaria, eu acho que a gente tem que saber a base de cada um, independentemente de qual religião cada um pertence e eu acho que é muito importante você não ser leigo nessa parte.

Bolsista 2: até mesmo porque querendo ou não o preconceito faz parte da ignorância, então se você não sabe você tem medo e você vai para cima como sistema de defesa, acredito que conhecer já é um princípio básico para tentar diminuir um pouco essa ideia do preconceito.

Bolsista 9: falando sobre essa parte de dificuldade, eu também teria um pouco de dificuldade, eu acho que além de ser um tema que gente tem que falar, a gente teria que conhecer a turma que nem os meninos falaram, uma turma a gente fala de uma coisa e que em outra a gente não pode falar e eu pensei num caso que...

Mediador: desculpa te interromper mas se você falasse dessa proposta lá na sua cidade você acha que...

Bolsista 9: muita coisa não poderia ser falada...

Mediador: você fala em relação a direção teria algum empecilho?

Bolsista 9: teria e muito, e eu pensei num caso de inclusão, de um aluno que pode estar na sala que sofre preconceito por ser dessas religiões, abordar na forma de inclusão, mostrando pra todo mundo que não é isso que a gente pensa, que não é uma coisa ruim, eu pensei muito

nessa parte, uma forma de incluir o aluno, igual vocês falaram a pouco, as vezes perguntar na sala se teria alguém daquela religião, as vezes ele não vai querer falar e aí quando começamos a falar a gente vai dar voz para o aluno e eu acho que seria um tema legal.

Bolsista 5: eu acho que um dos maiores problemas seria como esse assunto chegaria nos pais, por exemplo, um aluno chegar e falar pai a gente está aprendendo a umbanda, candomblé e o pai dizer a meu filho como assim? E o filho responder na aula de química, e muito provavelmente o pai vai aparecer na hora da escola.

Mediador: sim eu entendo o que você quer dizer mas temos que lembrar que são alunos de pelo menos 15 anos para frente.

Bolsista 5: então isso que eu queria saber, se tem reunião hoje na escola para os pais falando a escola tem obrigatoriedade de trabalhar as leis tal, tem isso na escola?

Mediador: então existe o momento é separado em que os pais eles conversam com os professores, mas nem é sempre, e nem todos os pais conhecem dessas leis que devem ser trabalhadas, geralmente essas partes ficam mais pelo planejamento do professor durante o ano, então continuando aqui, é tecnicamente trabalhado isso quando eu paro um dia da escola para trabalhar a lei, que no caso é o dia da consciência negra né, e assim parar o dia para fazer o 20 de novembro a escola cumpriu com seu papel, agora isso aqui, se eu for pensar em lei a escola consegue viver sem esse projeto, porque como eu acabei de dizer, ela cumpre a lei parando no 20 de novembro e infelizmente é o que as escolas tem feito, fez o 20 de novembro, cumpriu a lei está ótimo, eles veem que isso não é uma obrigação do professor de química.

Bolsista 2: eu acho que nesse sentido dos dias atuais você que vai trabalhar com isso, sabe que a lei existe e pode te dar subsídio quando um pai ou uma mãe chegar para reclamar e você falar que tem o suporte da lei para fazer isso que estou fazendo, estou fazendo justamente para acabar com esse discurso de medo que vocês têm.

Bolsista 1: exatamente mostrar o plano de aula e falando, olha eu não estou falando para o seu filho ir para o terreiro eu estou apenas tentando ensinar ele química através de uma outra visão, porque muitas vezes pode chegar no ouvido dos pais assim.

Bolsista 8: imagine um pai falar- eu não quero que você ensine religião quero que você ensine química-, você pode falar senta aqui e dizer olha eu estou trabalhando química.

Bolsista 5: numa escola municipal e estadual é uma realidade, agora na escola particular os pais têm a vez, os pais têm a voz, e geralmente manda o professor embora na hora, dizendo nós não queremos e pronto, é a lei? Ok, mas nós não queremos e manda o professor embora na hora.

Mediador: então gente, uma outra pessoa que trabalhou nesse livro que foi base para essa discussão ele desenvolver uma atividade num colégio de Uberlândia em que diretora do colégio é uma irmã de caridade, nesse caso um colégio de freiras né, e lá dentro da escola funciona as duas coisas, funciona convento e a escola, é uma escola particular, as freiras estudam de graça, e assim ele desenvolveu uma atividade dentro de um colégio particular, acredito que tudo depende de uma conversa, ao mesmo tempo também, algum tempo atrás numa escola estadual daqui a diretora não deixou fazer um projeto porque envolvia camisinha, então a diretora proibiu a gente falar de camisinha na escola porque damos aula de química né e não de camisinha, eu não posso ensinar um aluno de 15 a 18 anos esse tema tão controverso, isso aconteceu aqui em Ituiutaba, a diretora nos barrou porque não podia falar, enfim tudo depende de como você conversa as coisas, e assim não dá para prever mas podemos conversar, primeiro porque tudo depende de escola para escola, de diretor para diretor, não é porque barrou uma vez que eu nunca mais vou fazer aquilo, se for necessário modificar um pouco do projeto não tem porque não fazer, ou buscar aplicar em outra escola em outra turma.

Bolsista 10: eu sou um pouco do que todo mundo falou aqui, principalmente se for falar na parte da história e tomar muito cuidado com as palavras que eu vou usar, porque eu sendo cristã e tendo o aluno cristão na sala que sabe que eu sou cristã e começo a falar essas coisas, vão começar a falar olha lá ela falando de outras religiões aí, então essa parte de escolher muito bem como que fala seria minha maior dificuldade.

Mediador: você enquanto cristã, isso seria um problema pessoal, no sentido de que você não se sentiria bem, seria invasivo, seria desrespeitoso falar disso e pensando na forma que eu estou apresentando, em outras palavras, de alguma forma isso seria algum problema? Estou falando isso porque estamos no curso de formação de professores, e muitas vezes alguns líderes religiosos falam que isso não pode, chegam até falar muito mal qualquer que seja outra religião que não for aquela.

Bolsista 5: sim muitas igrejas hoje em dia são assim.

Mediador: mas assim, por outro lado é o Papa atual tem tirado muito dessa visão preconceituosa que a igreja católica trouxe ao longo dos anos, no sentido de pregar o amor a pessoa e não a religião, mas voltando a questão você se sentiria confortável a respeito?

Bolsista 10: se fosse há um ano atrás isso seria muito invasivo para mim, hoje já não tenho mais a mente assim, eu diria que eu tenho a mente um pouquinho mais aberta, porque eu tenho lido bastante, já recebi muito questionamento sobre essa questão de religião, não somente das religiões mais até de ateístas também, então eu tenho lido muito e minha cabeça está mais aberta.

Mediador: então você acha que uma professora que tem a mesma religião que a sua, no caso uma professora de química, você acha que talvez ela não tivesse essa mesma tranquilidade, por exemplo, ela viu esse livro na escola e falou olha que legal funções orgânicas vou trabalhar isso na aula, daí ela pega e abre no primeiro capítulo e ver falando de exu, vai relacionar isso com capeta você acha que isso ser uma barreira?

Bolsista 5: eu fiquei curiosa, na hora que eu abri eu pensei nossa.

Bolsista 4: será que isso é por causa do preconceito?

Bolsista 10: para maioria dos cristãos sim, não quero generalizar, mas para a maioria isso é uma barreira, isso é demonizado.

Mediador: então se é demonizado não posso levar para minha aula?

Bolsista 2: não precisava nem ser um professor, às vezes algum irmão da igreja ficou sabendo que eu estaria trabalhando com isso chegar e falar nosso irmão tá trabalhando com o capeta, e vai começar todo alvoroço assim nesse sentido.

Mediador: começa a julgar sem entender o trabalho.

Bolsista 2: sim e às vezes poderia me sentir constrangido, hoje em dia nem tanto mas algum tempo atrás eu também poderia me sentir constrangido.

Bolsista 1: igual o Bolsista 10 falou, eu também a um ano ou dois anos atrás, acredito que assim que entrei na faculdade eu ficaria mais sentida, justamente porque que nem a Bolsista 9 falou, na cidade dela é muito pequeno igual a minha e lá eu acho que eu nunca ouvi falar que tinha algum centro ou algum terreiro lá, eu não me lembro de ter mesmo, então assim eu sempre tive essa visão muito demonizada, e muitas vezes eu tinha era medo mesmo dessas religiões em si, então depois que eu entrei na faculdade, aí entra o que o Bolsista 2 falou que é importante falar disso aqui dentro, eu acho que deu aquela abertura de mente e acredito que é ter cuidado com as palavras e saber falar, por exemplo foi trabalhado isso no colégio católico, então assim saber como falar e o que falar eu acho que é o essencial.

Bolsista 2: isso volta no que estávamos falando no começo, você saber medir até onde você vai e como você vai lidar com isso, como você vai apresentar, nossa hoje vamos falar de Exu, acho que primeiro devemos apresentar.

Bolsista 1: falar assim eles acreditam e tal, pegar esses termos para deixar claro que é uma religião ali que eles acreditam nisso, eu não acredito e não quero que você acreditem, pegando no meu caso, não é que você não acredita que aquilo não seja verdade, falo assim nesse sentido.

Mediador: entendi não é ridicularizar, por exemplo não é você que acredita mas eu não estou falando isso zoando.

Bolsista 2: exatamente, estou apresentando isso para mostrar a importância, e que existe, e que tem pessoas que vivem isso.

Bolsista 1: e também trabalhar essa questão do respeito, não só apresentar como só apresentar a religião e falar das pimentas, mas pregar o respeito mesmo com o outro às vezes mostrar esses dados, olhem tem gente que sofre isso, e que não é legal fazer isso com o colega.

Mediador: sim eu concordo com vocês e acho muito bacana essa postura do respeito e como que a família prega aquela questão do respeito as pessoas, porque assim existem muitas visões que vamos encontrar ao longo da vida, tem a visão religiosa, tem a visão científica então assim, saber respeitar as diferentes visões, não apontar que aquilo é certo ou errado, e eu acho que é bacana gente lidar com o que pensa diferente.

Bolsista 1: quando eu fui estudar ciências e essa questão do big bang a minha professora deixou bem claro que foi o big bang mesmo, e agora parando para refletir para uma criança às vezes isso é muito importante mas eu por exemplo esqueci disso.

Mediador: é uma educação castradora

Bolsista 1: ela falou, não porque foi o big bang, que a bíblia fala uma coisa mas cientificamente e veio com aquele discurso da ciência acima de tudo e agora que eu fui parar para refletir, que às vezes não faz muita diferença na vida de uma criança, agora essa questão da religião eu acho que é importante

Bolsista 2: agora pensando e problematizando mais, as vezes o cristão que escuta isso já fica ofendido, porque o cristianismo não é marginalizado, aí se você leva a discussão disso em religiões que já são marginalizadas, e falar que lá tem errado, o que será que isso pode causar na cabeça de um jovem, e justamente voltamos na questão de tomar cuidado de como a gente vai abordar, mas não tira a importância porque isso tem que ser trabalhado mesmo, acho muito importante principalmente numa aula de química orgânica, porque eu acho que é uma coisa muito interessante, sou suspeito a falar, mas eu acho muito interessante a ideia da abordagem na química orgânica.

Bolsista 10: eu acho o seguinte eu tenho uma crítica a respeito, que foi uma parte que você estava falando, igual a questão da linguagem, e até fiquei pensando muito nessa questão da linguagem porque às vezes a gente fala uma coisa sem entender, quando você estava falando que o exu é demonizado, você falou assim o exu é demonizado pela mitologia cristã, mas para quem é cristão o cristianismo não é mitologia, então muito cuidado com a forma como você fala.

Mediador: sim eu entendo, mas da mesma forma que falamos a mitologia grega, e até nos dias de hoje existem pessoas que ainda seguem essa ideia religiosa e para eles não é mitologia e, quando eu trago a ideia da palavra mitologia eu não estou falando no sentido de ser algo menor, de ser uma mentira, pode ser que você tenha entendido isso mas eu quis falar mitologia no sentido do sincretismo, de como essas entidades e essas outras religiões enfim, são vistas e encaixadas dentro daquilo que o cristianismo prega, daquilo que o cristianismo explica, é nesse sentido que eu falo sobre mitologia, então assim quando eu falo mitologia cristã eu entendo que seja algo no sentido de como o cristianismo conta suas histórias mas não deixam de ter um significado religioso, minha intenção não foi minimizar ninguém, mas apenas explicar a questão do sincretismo.

Bolsista 2: mas é o que a gente tava acabando de falar, ao invés de usar a palavra mitologia cristã você poderia colocar cultura cristã, já que você está falando de uma maneira que aqueles povos se identificam, talvez seja melhor você falar cultura do que mitologia e eu acho que a mesma coisa vale o contrário, muitas vezes a gente vai recorrer a mitologia para falar de cultura de matriz africanas, tipo ah mitologia africana, as vezes a gente pensar nisso acho que é válido também, então é melhor falar cultura africana, cultura indígena não mitologia, porque eu acho que a ideia de mitologia dá uma ideia mesmo de diminuir, igual aquela ideia do mitos ou verdades, isso para o senso comum é bem estranho.

Bolsista 5: por que no senso comum o mito é uma ideia de ilusão.

Bolsista 2: tipo a pessoa cristã e acredita naquilo se você chegar nela e falar sobre a palavra mitologia a pessoa pode não encarar isso da forma que você quer propor.

Mediador: certo, agora vamos fechar essa questão voltando ao texto, vocês acham que o título dessa proposta, a química das pimentas pelos caminhos de exu, até pegando um gancho da Bolsista 1 que trouxe essa questão, se vocês fossem trabalhar isso na escola vocês não começariam pelo título, ou seja o título das suas primeira aulas não seria esse?

A maioria em concordância dizem que não.

Mediador: então vocês se sentiriam mais confortáveis para falar a química das pimentas.

Todos em concordância dizem que sim.

Mediador: alguém se sentiria confortável para falar o título inteiro? Logo de cara assim.

Bolsista 5: não, porque isso seria um choque.

Mediador: vocês acreditam que já chegar e falar sobre isso seria natural para alguém? Entendem o que eu quero dizer?

Bolsista 6: primeiro teria que passar pela coordenadora pedagógica, porque os planejamentos ela mesmo que decide, a própria coordenação da escola poderia falar se você deve ou não falar.

Mediador: eu sou meio suspeito para falar, mas eu falaria sem problemas.

Bolsista 4: eu faria, porque eu acho que da mesma forma que eu fiquei curiosa pelo título, talvez eu despertarei a sua curiosidade nos alunos.

Mediador: você ficou mais curiosa pelo título com a palavra exu do que a química das pimentas?

Bolsista 4: foi muito pelo contexto, o contexto que me chamou atenção, as funções orgânicas da pimenta será que esse ia chamar tanta atenção?

Bolsista 2: isso é verdade.

Bolsista 4: então assim, me instigou mais a curiosidade e eu pensei em levar isso também, e acho que a discussão que vi vocês comentarem aqui, vou dar um exemplo muito claro, é na minha família, por parte do meu pai é toda cristã evangélica, por parte da minha mãe a maioria espírita, e aí nós crescemos como três irmãos cristãos, foi tudo para igreja católica, e toda segunda reunimos e conversamos sobre o evangélico ou fala um pouco sobre espiritismo, mas assim, a gente se respeita, a gente nunca teve um momento de discussão, porque a gente aprendeu que na religião todas pregam a mesma coisa, o respeito pelas outras pessoas, eu tenho isso muito forte dentro de mim, então não sinto dificuldade de falar de outra religião, porque eu acho que o forte da religião é o respeito então quando você coloca com respeito você pode falar sobre qualquer uma.

Bolsista 1: assim vai muito da criação da pessoa, eu sinceramente não sei se colocaria já de cara por causa do que eu acredito e do jeito que eu fui criada, então assim, eu não tenho preconceito nem nada, é uma coisa que é minha, é um conforto meu, não é porque o jugo aquela pessoa nem nada, eu falaria sim de exu mas não colocaria de cara.

Mediador: então você colocaria o exu mas esse não seria o foco primeiro?

Bolsista 1: sim, mas não seria o principal, acredito que iria ficar muito na questão das pimentas e contextualizar com a figura do exu mas eu não colocaria ela de cara.

Bolsista 2: eu não faria assim, mas igual o John falou, você está trabalhando no contexto da religião para sair do contexto da cozinha, então é uma outra abordagem, mas eu acho que também religião não deveria ser foco, a ideia da religião não é que seja o foco, a gente vai falar de química mas a gente está usando outros contextos para falar de química, eu não colocaria exu, mas colocaria outra coisa relacionada a África, a cultura e a religião mas eu não deixaria isso de cara.

Bolsista 1: ao mesmo tempo isso pode trazer curiosidade.

Bolsista 2: exatamente, a pimenta na cultura africana.

Mediador: alguém mais se sentiria confortável de falar sobre o exu no título?

Bolsista 1: eu acredito que ao mesmo tempo que traria curiosidade, poderia trazer alguma aversão, principalmente no contexto da minha cidade, tipo o pessoal da minha sala, se fosse aplicar isso eu sei que todo mundo iria se sentir desconfortável.

Bolsista 4: mas olha que interessante, aconteceu aqui nesse momento, gerou uma bela discussão isso, não é legal ver as pessoas pensarem diferente? Acredito que o aluno não vai ficar assim nossa credo que horror, muito provavelmente vão falar nossa que legal e aí começa a ser dado a voz.

Mediador: pois é, e eu percebi que a maioria está pensando somente em um grupo específico de alunos, você não pode pensar somente nesse grupo deve pensar que a sala heterogênea.

Bolsista 1: por isso que eu falei, que lá na minha cidade, naquele grupinho isso não daria certo, é que não tinha entendido? Agora igual eu tive contato com a menina lá na escola e ela falou que frequenta, e outros também falaram que frequentam, talvez ele daria, mas eu falo, pensando naquele contexto e naquela sala ali poderia trazer mais um receio, mas aí nessa escola do PIBID já iria buscar mesmo, é por isso que eu falei do contexto.

Após essa fala foi perguntado aos bolsistas se mais alguém queria comentar alguma questão que ficou para trás porém nada foi dito e o momento de entrevista foi encerrado.

ANEXO B- ENTREVISTA COM RESIDENTES- 2º GRUPO

No primeiro momento foi realizado uma breve introdução sobre a proposta de trabalhar a química das pimentas sobre uma perspectiva das religiões afro-brasileiras utilizando a entidade exu, abordando o mesmo, sobre um olhar do candomblé e umbanda. E após esse momento de introdução, um debate foi iniciado com a pergunta: como os residentes utilizariam essa temática, quais seriam as dificuldades de trabalhar essa temática, se fariam o trabalho pensando a perspectiva religiosa e o que eles não trabalhariam?

Bolsista 11: lendo o texto, pois, eu não sabia de muita coisa sobre essa parte de candomblé, sobre o exu que é uma forma de espírito que você conversa para você poder passar mensagem para outras divindades, as coisas que a gente não tem conhecimento, é uma coisa que é interessante saber, porque tem algumas sociedades, dentro na nossa própria sociedade, de pessoas que tem essa cultura, e eu não acho que você desrespeitando uma cultura vai estar valorizando aquela pessoa como cidadão igual, então não se pode desvalorizar a cultura de ninguém, então a ideia de se trabalhar isso aí em comum acordo com os alunos para mim é tranquilo, porque tem que ir estudando para saber falar as coisas.

Mediador: como assim em comum acordo?

Bolsista 11: é por que eu acho, que nem quando eu fazia pré-vestibular, tinha uma professora de sociologia que ela frequentava esses... Como fala? Terreiro né, aí ela convidou a gente, a maioria da sala quis, tipo, a maioria quis, só que uma outra parte da sala não quis, aí a escola não deixou que a gente perdesse um dia para ir lá, por que uma parte não queria entender? Então não tem jeito, como você está trabalhando com ensino médio, as pessoas lá estão vinculadas com seus pais e responsáveis né, então não adianta você estar falando que vai estar trabalhando aquilo lá só com os alunos porque se o conjunto não tiver uma maioria que respeita, você não vai ter uma aula você vai ter uma discussão e vai ficar só na discussão sem avançar no que você quer, agora, se você conseguir trabalhar isso no Rio de Janeiro, lógico que teria uma possibilidade boa, porque você está falando de muitos exemplos de pessoas lá que tem essa religião enraizada, então você tem uma sociedade ali que vai estar mais aberta, mesmo aqueles que não aceitam essa ideia de que o aluno não pode entrar na escola porque ele estava com vestimentas, mas eu acho que ali você já tem uma maior possibilidade por parte, porque ali tem pessoas que já está dentro da religião, eu mesmo não vou apontar o dedo para alguém que está aqui na sala e falar assim- você é de uma cultura tal, porque eu estou vendo que você é- então quando você usa a vestimenta, você aponta que é, então sem a vestimenta você não

sabe que é, então vou tratar isso e isso e aquilo, como você vai tratar aquilo de uma pessoa da religião dela e vai começar uma discussão.

Mediador: então você acha que essa discussão poderia trabalhar com mais facilidade se você soubesse que você tem um número significativo de alunos que frequentam o terreiro, por exemplo, se tivesse lá numa escola em que você soubesse que a maioria dos alunos são católicos ou evangélicos, você pensando no Brasil nós temos estatisticamente uma grande maioria católica e evangélica, mais ou menos a primeira católica e a segunda evangélica, então se fosse pela estatística essa sala de aula representando o Brasil seria uma parte representando os católicos e outra parte os evangélicos, então numa sala típica dessa forma você não trabalharia, você não se sentiria confortável pela sua fala?

Bolsista 11: eu me sentiria confortável, se eu falar que a maioria dos alunos talvez, a maioria dos alunos aqui em Ituiutaba, vou pegar o exemplo de Ituiutaba, no caso do pré-vestibular com pessoas adultas que a maioria quis e uma parte que não quis e com isso não conseguimos avançar, agora quando você pega o ensino médio que não tem adultos e os responsáveis são de fora e, você pegar uma temática dessa, eu creio que numa aula você não vai poder abordar a todas aquelas matérias, então você precisaria de uma aula de introdução e outras para dar seguimento e provavelmente no próximo segmento vai ter um pai ou uma mãe que irá falar que não pode dar aquilo em sala de aula e tal, e vai pedir você dar seguimento, então você vai falar do trabalho e aí você vai ter que interromper o trabalho e fica chato você interromper ao invés de dar seguimento.

Bolsista 12: eu acho que essa parte de religião sempre é muito complicada, porque eu lembro quando eu fazia, tanto no ensino médio e ensino fundamental a gente tinha uma matéria de ensino religioso, e aí chegou uma fase do curso que começou a ter muitos alunos evangélicos, então assim, a professora obrigava a sala a rezar o Pai Nosso, mas o evangélico não reza o Pai Nosso, e aí a professora queria sempre obrigar aqueles alunos evangélicos a fazer aquela oração, e aí começou a dar conflito com os pais, porque o pai ia na escola reclamar, porque a professora estava querendo obrigar o aluno a fazer uma coisa e que ela não concordava, e aí a professora pedia então para menina se retirar para o resto da sala fazer a oração.

Mediador: mas você acha que essa professora estava sendo preconceituosa?

Bolsista 12: não sei preconceituosa, mas ela estava se impondo a parte dela e isso não se faz.

Bolsista 13: mas esse tema pode-se trabalhar sem focar, digo sem abordar a religião em si, tipo empurrar a religião.

Mediador: mas o foco não é religião.

Bolsista 13: sim mas o foco seria apresentar a religião?

Mediador: não, o foco aqui é utilizar essas religiões como caminho, porque quando você pensa em pimenta primeiro você pensa na cozinha, então sair um pouco dessa visão de pimenta só na cozinha, para que ela serve na cozinha como condimento e levar a outra visão, levar uma outra realidade onde a pimenta é utilizada de um outro contexto.

Bolsista 14: não sei se você já leu Os Botões de Napoleão, para quem não conhece, não entende o que a pimenta-do-reino pode fazer ao longo da história, ela foi capaz de travar guerras e trocar em terras, era a preço de ouro.

Bolsista 12: eu acho muito complicado você trabalhar um tema no ensino médio e não deixar com que os alunos levem aquilo para religião em si, você não vai conseguir evitar distorcer o foco.

Bolsista 15: enquanto tivermos esse pensamento não iremos conseguir trabalhar isso.

Bolsista 13: mas eu acredito que dá sim para trabalhar isso.

Bolsista 14: a questão aqui é que ele não vai estar te insinuando você seguir a religião, e você ter essa religião, e a você ser da religião, já começa por aí, estar só direcionando o tema, que é bom comentar com os alunos depois do contexto cultural, e estar utilizando a química dentro daquilo, ele vai estar apresentando algo que o aluno não saiba, vai ter aqueles alunos que irão falar que isso aí que ele é macumba tá ensinando macumba para a gente.

Bolsista 11: tipo um lugar que poderia ser abordado isso aí seria o pessoal como a idade maior, como por exemplo no EJA, porque eu acho que no EJA os alunos estão mais interessados na aula e também é um pessoal de uma idade um pouquinho mais avançada, com cabeças mais abertas, e quando há interesse deles a gente vê a complexidade das ideias que vai direcionando a ideia da pimenta através da religião, então quando você coloca a pimenta na parte da química você não fala necessariamente de religião, tá falando que lá naquela religião é utilizado, estar citando como lá e feito.

Bolsista 14: é tipo aquele tema transversal que ele vai tipo assim, trabalhar a pimenta falando pesado no Exu.

Bolsista 15: eu acho que para a gente pode explicar um pouco mais a raiz e entender como que utiliza naquela religião para poder tratar do assunto da pimenta, porque você pode falar de pimenta e logo depois falar exu, que nem ele falou isso é uma imagem demoníaca, é uma imagem demonizada, e as pessoas automaticamente vão entender que aquilo é do demônio, vai entender como aquilo sendo macumba, então tipo eu acho interessante você abrir isso no começo para depois ligar como uma imagem dele foi se distorcendo e trabalhar a pimenta através dele.

Bolsista 14: eu acredito que teria que explicar isso sem o exu (todos concordam no fundo).

Bolsista 15: eu acho que não porque muitas pessoas não sabem quem é o que é o que é.

Bolsista 14: não, mais você poderia estar pesquisando um pouco sobre o que é no Google.

Bolsista 15: muitas pessoas não sabem o que é, e como era, eu por exemplo não sabia o que era até entrar na universidade e conhecer pessoas

Mediador: vou explicar o seguinte, porque existem várias religiões de matrizes africanas e principalmente essas duas candomblé e umbanda aparece a figura do exu, então você tem a figura do exu sendo representada por outros nomes entendeu, por isso que existem essa confusão, pois no candomblé o exu é o orixá que leva o as palavras para os outros orixás.

Bolsista 14: ele é tipo um caminho para alcançar as outras divindades.

Mediador: sim, no candomblé ele é o caminho para conversar com as outras entidades, com os outros orixás, no caso orixá seria uma espécie dos “deuses”, já na Umbanda ele é muito procurado principalmente para cuidar da vida amorosa das pessoas, e na umbanda não existe somente um tipo de exu existem vários tipos de exu, com imagens diferentes mas com essa mesma função.

Bolsista 15: ele traz fertilidade?

Mediador: principalmente a paixões e amores ele está ligado diretamente essas questões amorosas em geral essa é a principal diferença entre o exu nas duas religiões.

Bolsista 11: então você está me dizendo que na umbanda não tem mensageiro.

Mediador: não.

Bolsista 11: então não precisa fazer essa limpeza na boca com a pimenta.

Mediador: não, porque você conversa diretamente com a entidade, com as entidades no geral.

Bolsista 11: então isso aí para mim já é a macumba o cara sai e já vai conversar com os espíritos (risadas).

Bolsista 14: mostrar aquela foto da oferenda que tem a vela o cara vai achar, o aluno de ensino médio vai achar que tá ensinando macumba.

Bolsista 15: não, você já viu a estátua do exu? Tem uma especificamente que ele tem um pênis ereto gigante e você vai mostrar isso no ensino médio o aluno ia ficar meio assim.

Bolsista 11: eu não sabia que você dava uma oferenda para o exu, no caso do candomblé, para falar com ele para depois fazer uma outra oferenda para outro orixá.

Mediador: não é uma oferenda, é uma espécie de ritual para você limpar o seu organismo das coisas negativas.

Bolsista 14: é que por você falar para alguém que se você não pagar você não recebe ele é o caminho ali.

Mediador: a gente está indo para outro caminho da conversa, mas eu fico pensando assim, porque parece que a gente tá levando um pouquinho com humor a história, mas se a gente for pensar, não sei qual religião de vocês, mas assim, se a gente foi pensar a gente também tem uma dependência as diferentes religiões, elas têm alguns caminhos, alguns percursos que a gente faz, então, você é católico você vai lá rezar para não sei quantas nossa senhoras diferentes para ajudar em algumas questões, como por exemplo a Nossa Senhora dos Aflitos, cada um vai ter o seu a sua função, uma para as causas impossíveis, aquela dos endividados, esse santo aqui é para colocar de cabeça para baixo para casar, então assim, temos em comum nas outras religiões, temos algumas crenças, então o importante é a gente entender que tem aproximações, como tinha comentado o sincretismo no caso, principalmente aqui no Brasil, porque assim, aqui no Brasil as nossas igrejas não são 100% puras, todas elas sofreram influências de muitas das religiões de matrizes africanas também, então já estamos falando isso porque, parece que ele está abrindo por outros caminhos que não é exatamente o foco dessa questão, mas assim, percebe-se que essa proposta, só para esclarecer, é um texto que eu posso seguir ao pé da letra, eu posso caminhar ao pé da letra em várias aulas, e fazer outra discussão utilizando ponta a ponta, como ele pode ser um texto base para que eu possa conduzir a minha aula e utilizar algum daqueles elementos na minha aula, então assim, o que estou investigando é como vocês usariam, e se vocês usariam, e como vocês dariam esse texto, não necessariamente a proposta de vocês usarem esse texto, se vocês forem usar vocês iriam usar esse texto literalmente, então assim, entender essa diferença para que a gente possa encaminhar nesse sentido da conversa, a questão é que a gente está desviando dos aspectos de entender o que é a religião e não necessariamente o que é a proposta da química, então assim se por um acaso a gente poderia começar encaminhar para esse lado primeiro, vocês dariam conta ou não levar esse texto para escola, alguns colocando limitações como para turmas da EJA outros para turmas do ensino médio aqui em Ituiutaba, então em que situação que vocês conseguiriam levar esse texto ou não ou essa proposta, você conseguiria de qualquer jeito levar essa proposta? Então um caminho que a gente poderia levar é esse, a segunda é, se forem fazer quais cuidados vocês teriam, o que vocês não fariam, o retirariam dessa proposta entenderam?

Bolsista 14: para mim eu não trabalharia a questão da religião esse igual você está pensando, em fazer mostrando para o aluno o quem é o exu, eu poderia estar representando assim que ela como ela (pimenta) é utilizada nessa religião, eu faria mais no assunto sobre o descobrimento das Américas e dos continentes, que é onde as pimentas fizeram grande parte dos

descobrimientos, não só pimenta mas os condimentos em geral, então eu acho que foi lá atrás que você até falou da frase o caminho das especiarias, que a partir daí que eles foram atrás de buscar mais especiarias.

Mediador: buscar novas rotas né para essas especiarias.

Bolsista 14: sim.

Mediador: então você não trabalharia a pimenta com essa relação étnico-racial.

Bolsista 14: não eu poderia até falar que a pimenta é utilizada nessa religião, mas não entrar na questão de explicar quem é o exu, de tá explicando as religiões, entraria mais do sócio cultural, porque a importância da pimenta naquela época, qual que é a importância da pimenta, eu pensaria mais assim pela questão da intolerância que alguns alunos poderiam ter em relação às religiões.

Mediador: mas exatamente essa intolerância que eu quero entender e de “combater” ela também.

Bolsista 14: sim lógico, mas a questão da intolerância é difícil de você estar combatendo, isso que nem eu estava comentando aqui talvez o aluno...

Mediador: porque você acha difícil?

Bolsista 14: sempre mexer com alguém intolerante é difícil, um exemplo, vai te ignorar, pode te processar por alguma coisa que você falar entendeu? Meu pensamento é esse porque, que nem o Bolsista 11 falou, existem lugares melhores para poder estar apresentado esse tema e tem outros que não, porque você tem uma turma de 40 alunos e um pode ser intolerante com isso, e nessa situação vai ter o aluno intolerante que não se manifesta, mas tem outros que vão se manifestar falando professor isso é macumba, você tá ensinando macumba para gente, você vai estar falando para eles e exemplificando para eles, não isso não é macumba, aí o aluno vai pesquisar o que é o exu e pode ver essa imagem que ela falou entendeu do órgão sexual, pode haver isso.

Mediador: você utilizaria imagem.

Bolsista 14: não.

Mediador: assim estou falando porque eu levo a imagem de uma oferenda na minha apresentação.

Bolsista 14: não eu não levaria, não aquela imagem da vela, não é mais do porquê, é mais da certeza que ia haver piadinhas no meio, e talvez você está falando para o aluno que não é e tal, o aluno vai estar te retrucando pode haver desavenças por causa disso, eu não trabalharia de uma forma que você está trazendo bem focalizado com a religião, poderia estar exemplificando, igual ao estar falando do sociocultural, o que é pimenta Ituaçu e teve uma grande participação

daquela época, poderia falar que existiam outros tipos de pimenta, por exemplo, pessoal de tal religião é, oferece para tal mensageiro, no caso do exu.

Mediador: você entraria no caso como exemplo e não seria o foco principal da aula mas sim como exemplo um contexto?

Bolsista 14: isso meu foco seria trabalhar a pimenta como sociocultural.

Mediador: entendi, e você Bolsista 12?

Bolsista 12: então, eu acho que dessa forma aí não, porque tenho esse pensamento que na aula de química o foco principal deveria ser química, lógico que temos que contextualizar com outros elementos do dia a dia, a química da cozinha pode trazer essa temática, mas o foco principal deveria ser a parte da química em si, porque assim, nos outros estágios que eu fiz, os dois que eu acompanhei projetos que traziam no início do semestre propostas prontinhas de tudo que deveria ser falado no semestre inteiro, só que o professor não sabe como a sala ia reagir com aquilo, e a sala que eu consegui acompanhar aquela ideia que estava programada até o fim do semestre, nas duas vezes que eu vi não teve um objetivo realizado, quando eu fiz o estágio no Maria de Barros, a professora trouxe a proposta da química na agricultura, então ele explicou tudo sobre agricultura mas a química da agricultura ela só citou, então a química foi um complemento da aula e não foi a aula de química em si, porque eu acho que o objetivo é relacionar agricultura, naquele caso com a química, ela relacionar química dentro de uma aula de agricultura, e também quando a gente estava falando no estágio 2, a gente fez uma oficina sobre relacionar a química com direitos humanos, então assim, os objetivos era a gente ensinar a química e tentar intercalar com essa questão dos direitos humanos, só que assim, a proposta era muito boa, só que a gente não conseguiu levar ao pé da letra até o final, então a gente levou muita questão social do que questões de química e os alunos participaram bastante, falaram do trabalho, da vida deles mas não surgiu aquela pergunta de química que a gente precisava, assim a oficina foi muito boa a gente teve uma troca muito boa com os alunos, eles prestaram atenção no que a gente estava falando mas a parte de química foi muito pequena, e assim, a gente poderia alcançar muito mais se fosse reformulado e de uma forma diferente.

Mediador: a sua ideia seria de pensar nessa proposta e abordar menos aspectos religiosos do que a química?

Bolsista 12: isso, porque numa sala de 40 alunos você conseguir fazer os 40 alunos pensar aquilo na química.

Mediador: você acha que o curso daqui da UFU te prepara para você abordar outras temáticas, igual a você citou o exemplo da agricultura, você acha que o curso daqui oferece essa

base para a gente poder contextualizar, para você trabalhar a química contextualizando com a temática agricultura como você deu o exemplo?

Bolsista 12: eu acho que a gente tem algumas matérias que faz a gente pensar em contextualizar, mas as matérias específicas que é aquela teoria que a gente vai explicar para os alunos elas não ajudam, tipo, a gente sabe do contexto a gente sabe o conteúdo químico mas a gente não sabe transformar aquilo em conteúdo de química para o ensino médio que vai abordar a casa daquele aluno.

Mediador: entendi, e você Bolsista 13.

Bolsista 13: esse tema é um difícil para mim trabalhar, porque para você abordar um tema como esse no ensino médio você tem que especificar que você vai trabalhar a química dentro daquela religião, esse não vai ser o enfoque, trabalhar religião e sim a química em si, eu acho que eu teria dificuldade para trabalhar esse conteúdo nessa contextualização mesmo e diferenciar uma coisa da outra sem tem um enfoque maior da religião em si.

Mediador: por que você acha?

Bolsista 13: a questão de religião para mim é um pouco difícil, até eu estava comentando com ela, então por isso que seria um tema difícil para mim trabalhar.

Mediador eu estava, só para poder te exemplificar, esta questão da dificuldade muitas pessoas usam o exemplo da receita do bolo para explicar a estequiometria certo, só que pode ser que muitas dessas pessoas não sejam cozinheiras, talvez nunca tenham pisado numa cozinha na vida, talvez nunca tenha pegado uma receita de bolo para fazer essa explicação, e a gente percebe que muitos professores utilizam da receita de bolo para exemplificar estequiometria, explica a lei de conservação das massas, então assim, não é algo da vivência desses professores, mas eles levam aquilo com uma certa naturalidade, levar aquele exemplo com muita naturalidade para falar em sala de aula, então assim, não necessariamente, o que estou tentando dizer é que pode ser que para esses professores e para essas pessoas não falariam, porque não teriam propriedade por não conhecer, deveriam caber um momento na vida para estudar sobre e aí eu acho que assim, a gente também tem que pensar outro lado, e se eu não precisar estudar sobre mas naquela sala ali que a maioria não é mas pode ser que um é, então eu deveria falar sobre o aluno também poder levantar e falar que eu sou dessa religião, frequenta o candomblé ou a umbanda e é realmente assim, então, na hora de entrar em contato a gente tem que conduzir para poder conversar.

Bolsista 15: eu acho que não depende de ter ou não ter, na minha opinião seria as pessoas meio que deixam muito complexo esse assunto, e quanto mais as pessoas deixarem complexo mais difícil vai ser se tratar dentro sala de aula, por exemplo que nem o Bolsista 11 falou que

poderia ter pessoas dentro da sala de aula que poderiam ser e outras que não, eu acho que poderia trazer, e falar para as pessoas e perguntar para aquelas pessoas assim mesmo, se é assim que funciona mesmo para aquela pessoa que frequenta, então assim, não só para ele, por exemplo, conversar com os pais, que nem ele falou se o pai cristão por exemplo falar que aquilo não pode você questionar? Não, mas porque sinto que seu tratar da sua religião dentro da minha sala de aula você ficaria contra? Você estaria se outras pessoas ficarem contra, tipo meio que argumentar sobre, não só aceitar as pessoas falarem que não quer aquilo e pronto, não, quanto mais você esconder mas a gente vai atrair isso, não é tão difícil falar se você pesquisar um pouquinho eu não saberia falar agora porque eu não sei de muita coisa, mas se você pesquisar um pouquinho você consegue.

Mediador: isso pesquisar para poder explicar aquilo.

Bolsista 15: sim, até porque uma sala heterogênea, tem muitas vivências de determinadas pessoas, eu acho que daria conta sim, não usar só na umbanda mais usar também a culinária usar também outras questões.

Mediador: então na sua perspectiva você usaria tipo o que o Bolsista 14 falou no caso um contexto mais sociocultural.

Bolsista 15: não, eu traria esses exemplos também.

Mediador: então não seria o foco você não começaria falando a aula do exu pimenta?

Bolsista 15: eu falaria.

Mediador: você começaria aula assim também?

Bolsista 15: eu falei assim, se eu tivesse firmeza no assunto, porque hoje eu não tenho, mas se eu tivesse estudado e pesquisado o que acontece realmente e tudo mais eu falaria sim.

Mediador: mesmo se você trabalhasse em um colégio de freiras?

Bolsista 15: é por isso que eu falei, eu faria, eu correria o risco de perder o emprego igual aconteceu com professor aqui na faculdade, mas eu não teria dificuldade nenhuma em falar.

Bolsista 12: você teria problemas?

Bolsista 15: não, você não entendeu eu não teria problemas para falar.

Bolsista 12: eu estou falando o exemplo que ele trouxe do colégio de freira e tal, porque eu não teria coragem de chegar numa aula e começar a falar no colégio de freiras.

Bolsista 15: então, não é deixar de comentar na minha opinião, é porque a escola não deixaria eu falar, mas eu falaria, se fosse de mim eu falaria sim.

Mediador: se eu falar para você que existe a lei que permite que você fala isso dentro de sala de aula.

Bolsista 15: sim, como eu falei quanto mais as pessoas ficarem bloqueando mas as pessoas vão ter um preconceito não vou saber tipo que elas têm direito ou não.

Mediador: eu percebi muito na fala de vocês que não falariam por medo dos pais assim, você teria o argumento para usar, que no caso é a lei 10639, e no caso a lei que remete ao Brasil como estado laico, então assim, pegando o exemplo do professor aqui da UFU que foi expulso do colégio, ele até comentou comigo também num certo momento na faculdade, e aí eu falei para ele porque você não usou a lei a seu favor e ele disse não queria usar a lei, mas o que eu quero dizer, ele poderia usar sim e até processar escola por que ele estava dentro do direito dele.

Bolsista 12: não é a realidade que a gente vê na escola, é igual mesmo o exemplo que o professor disse na última reunião que a escola queria que ele passasse o aluno de qualquer forma, porque a única matéria que ele iria reprovar era a química, é direito dele falar que não ia, e que ia reprovar o aluno porque não tinha conseguido a nota, mas a escola passou, então assim, ele numa situação muito complexa, porque as vezes a lei está nosso favor mas não basta a lei estar a nosso favor.

Bolsista 15: mesmo a lei estando nosso favor a gente acha que consegue isso por parte da lei, mas não mudar, acho que o intuito disso é mudar a concepção das pessoas, de mostrar e processar a escola não mudaria isso.

Mediador: é verdade, e assim, quando eu falo que a lei está ao nosso favor a gente tem que pensar assim, essa lei ela é uma lei que ela “prevê” você ensinar um conteúdo em sala de aula numa perspectiva de educação não preconceituosa, por exemplo, me incomodou na hora que eu estava falando e quando mostrei imagem da oferenda isso ter sido motivo de piada, então assim, de verdade me incomoda a gente rir de um objeto e essa naturalidade com que a gente lida, de que é normal a gente rir de um objeto que é sagrado para o outro sabe, e se tivesse mostrado uma imagem de uma Nossa Senhora e alguém risse daquela imagem, então assim, isso é uma educação não preconceituosa, a gente não naturalizar a ofensa que são consideradas “normais”, e assim, essa naturalidade que a gente esquece, na hora que a gente vê o objeto a gente está acostumado a rir daquilo mas a educação não preconceituosa é a gente não naturalizar essas situações.

Bolsista 12: se a gente for parar para pensar, foi justo argumento que a gente usou na sala de aula, dos alunos rirem e brincarem a respeito.

Mediador: exatamente, e a lei é isso, uma educação não preconceituosa é eu pensar não naturalizar essas situações que pra grande maioria são naturais, é como eu rir do chuta que é macumba, eu vi lá um frango peguei o frango e usei ele para algum fim, isso é o jeito natural do brasileiro brincar com aquela situação, só que aquilo é uma oferenda, aquilo faz parte de um

culto, e isso acontece com muito mais frequência do que se imagina, algum tempo atrás estava conversando com algumas pessoas e falei sobre isso e até citei esse exemplo que seria a mesma coisa de você entrar dentro de uma igreja católica e pegar o santos e começar a quebrar, ou entrar numa igreja evangélica e rasgar a bíblia na frente dos fiéis, por exemplo, muito provavelmente esses líderes dessas religiões não iriam gostar e isso provavelmente iria parar nos jornais, mas no caso uma oferenda tem tanta gente que faz isso todos os dias e isso é natural e não tem a mesma repercussão, e exatamente essa naturalidade que estou falando, que é o intuito da minha proposta, de combater essa naturalidade, trazer a química na perspectiva das religiões afro-brasileiras para que as pessoas entendam que não se pode tratar isso (preconceito) com naturalidade e aquela religião trata, que elemento nesse caso o que eu estou trazendo a pimenta como abordagem da minha proposta, em uma outra perspectiva e que aquilo deve ser respeitado como todas as outras religiões, quando você chega numa igreja e o pastor está lá lendo a bíblia você respeita o pastor lendo a bíblia, você passa na igreja católica quem é católico e faz o sinal da cruz, então assim, a mesma coisa da pessoa ver uma oferenda em algum lugar seja numa praça, numa encruzilhada e ver aquilo ali como objeto daquela religião específica e não chegar lá e começar a destruir, chutar e enfim essas coisas que a minha proposta quer combater, também como outras propostas relacionadas ao assunto.

Bolsista 14: tem gente que não chega nem perto né?

Mediador: tem gente que não chega perto por várias questões talvez a principal seja o medo.

Bolsista 14: sim porque está relacionado com o demônio como você trouxe apresentação.

Mediador: sim exatamente isso, uma coisa puxa outra, não passa perto disso que está relacionado com demônio, mas na verdade quem demonizou foi a igreja católica na época dos descobrimentos dos novos continentes, por volta do século 13, 14 e 15, é a mesma ideia dos deuses pagãos de outras culturas e outros lugares do planeta, então o catolicismo trouxe essa ideia dos deuses pagãos, por exemplo o deus da morte do Egito, era uma figura do demônio, a mesma ideia mas não é como eu disse, eles só são tratados como demônios de acordo com a mitologia cristã, e quando eu falo mitologia não estou falando algo que é mentiroso, eu estou falando de como aquele ser se encaixa dentro daquele contexto, dentro daquela religião, dentro daquela cultura, porque eu tive que explicar, porque mitologia pode trazer duas vertentes, na vertente de que algo é mentiroso, mas em termos mitologia isso como que alguma coisa se encaixa dentro de um contexto cultural, principalmente no caso a explicação da criação do mundo, para várias e diferentes religiões aquilo é uma mitologia, de como o mundo foi criado de acordo com aquela perspectiva, por exemplo, os iorubás tem uma perspectiva de como o

mundo foi criado, os cristãos tem uma outra perspectiva de como o mundo foi criado. Mas assim onde eu quero chegar aqui, do jeito que fomos criados parece que aquilo para a gente é uma verdade absoluta, eu não sei se você já viram documentário que tem sobre a história de Deus com Morgan Freeman documentário está na netflix, e tem episódios que mostra sobre a origem de alguma coisa, como por exemplo, um episódio de como foi originada a vida, então assim, ele vai entrevistar diferentes líderes religiosos e pessoas importantes de cada país e, cada uma das sua explicação de como foi originada a vida de acordo com a sua perspectiva religiosa e cultural, católicos e evangélicos acreditam no Adão e Eva, outros acreditam na teoria do big bang, outras nas diferentes deidades como os Hindus, e cada um interpreta aquilo de uma forma, só que o que a gente tem que entender é que a gente vive no país que tem uma origem cristã muito forte, nós temos um grupo muito grande no Brasil que acredita em Cristo e aí para a gente é muito natural algumas coisas, mas não necessariamente que para gente isso seja natural aquilo seja realmente o certo, ou que aquilo seja o certo para todo mundo, então assim, para maior parte dos brasileiros como são cristãos, tem um Deus e um Não-Deus, então só temos essas duas figuras, o que é certo e o outro errado, então para essas pessoas é muito separado e, isso essa dualidade do bem do mal mas nas religiões de matrizes africanas o bem o mal se coexistem na mesma figura, e isso para as pessoas é muito complicado entender, principalmente para os cristãos, nas religiões de matriz africana, assim como em outras religiões, como os Hindus, esse bem mal muito misturado na mesma entidade e para os cristãos isso é muito separado, “o bom é branco, o mal é preto”, e quando a gente vê algo relacionado ao que é diferente, esse diferente é sempre ruim, a gente tem essa visão e quando a gente tem que pensar numa educação não preconceituosa é para mostrar que o diferente não é ruim assim, e pensando então, não lá na sala de aula que o Bolsista 11 imaginou, mas pense que eu estou aqui em Ituiutaba, e eu tenho aqui em Ituiutaba pessoas que frequentam, eu por exemplo sou de umbanda, mas eu não sou da umbanda desde sempre, mas na minha família sempre foi muito misturado, um pouco católico, alguns evangélicos, alguns espíritas, então assim, a gente sempre soube respeitar um ao outro, eu não fui criado dentro da umbanda, e ser da umbanda não era algo exótico para mim, eu fui criado aqui, então a gente não está falando de uma realidade longe do Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades a gente tá falando aqui, igual para mim todas as religiões são iguais, umbanda candomblé, catolicismo e etc, enfim, todas as religiões eu as vejo de uma forma natural, mas da mesma forma que para mim a umbanda é algo natural, existem outros casos que não é natural qualquer outra religião, pense nessas duas realidades, se eu estou brigando ou ensinando e doutrinando para a religião de matriz africana, então assim, a gente vai encontrar alunos de diferentes perfis dentro da sala de aula, e a gente vai lecionar, e aí eu

acho importante ter uma educação não preconceituosa, é abrir possibilidades também para que esse aluno se sinta incluído, exemplo, as vezes você pega alunos da mesma família, só que um tem uma visão sobre as religiões e o outro tem uma visão mais fechada.

Bolsista 15: eu acho que o ideal seria que a escola poderia informar sobre as religiões, existe tal religião mas não praticar uma religião isolada dentro da escola porque tem escolas que tem a santinha para levar.

Mediador: sim essa é a ideia do estado laico a escola, não se posicionar de uma forma, por exemplo, a escola é católica, a escola é espírita, a escola é evangélica, e aqui estou falando das escolas públicas não de particulares, o que eu quero dizer o estado é laico mas as pessoas que o compõem podem não ser, em outras palavras, as pessoas podem ter as suas religiões mas o estado tem que abraçar todas elas e não se posicionar perante uma única religião, essa é a ideia do estado laico, mas assim o que eu estou propondo aqui não é dar uma aula de religião, eu vou trazer a química e vou mostrar que eu tenho conhecimentos químicos associados a essas religiões de matrizes africanas que eu trouxe, então assim, eu não vou doutrinar ninguém, a minha proposta é trazer a perspectiva dessas religiões de matrizes africanas e, trazer conteúdos relacionados a química envolvendo principalmente essa educação não preconceituosa, eu insisto nessa ideia de educação não preconceituosa porque parece que para as pessoas isso é menor, isso não é certo, isso é sujo entendeu? É naturalizar no sentido de que eu posso pensar diferente, de que não é errado pensar diferente, eu posso criar jovens que não sejam preconceituosos, é nesse caminho, por exemplo de um filho poder até chamar atenção do pai quando for exposto a uma situação de preconceito, ele mesmo falar de macumba não é ruim, aí o pai perguntar aonde você viu isso e ele responder, ah eu vi na aula de química, então assim, eu não estou ensinando o aluno a fazer macumba, não estou doutrinando, estou apenas ensinando para ele que macumba não é ruim, estou ensinando para ele que eu posso pensar diferente daquilo que é considerado “certo” e que não é errado pensar diferente, e eu não vou pregar isso, e eu não estou fazendo esse trabalho porque eu tenho essa formação religiosa, eu estou fazendo porque é algo que precisamos abordar em sala de aula, e essa ideia também não veio da noite para o dia, trabalhar com as questões étnico-raciais dentro da química veio de algum tempo atrás no qual o professor orientador veio falar sobre as leis 10639 dentro da química, então eu pensei, poxa que assunto interessante que assunto é legal de se falar e se abordar no TCC.

Bolsista 13: mas assim, você abordar esse tema enfoque de uma feira, a escola pode até ir chamando os pais para participar, eu acredito que se torne bem mais fácil de se trabalhar, porque, se fala uma coisa para o aluno e ele entende uma coisa de uma determinada forma e chega em casa e ele fala de uma forma totalmente diferente para os pais, e aquilo ali se torna

uma situação muito ruim, então, você poderia trabalhar tipo como uma filha chamando os pais e a comunidade escolar, para que eles possam entender realmente aquilo.

Mediador: sim uma ideia muito interessante, mas é o que geralmente acontece, pegar somente um dia, eu acho que não trabalharia essas questões de uma forma tão aprofundada, quanto você trabalhar essa questão ao longo das aulas, ao longo do período escolar, não que eu esteja falando que não seja interessante, porque vamos pensar, já que numa feira o aluno é o principal portador do conhecimento e não professor, nesse caso para uma quem está informando e determinando conteúdo é o aluno que vai estar estudando e passando as informações um para o outro, realmente essa ideia muito interessante, porque todo mundo vai estar estudando em casa, e ele vai dar essa informação para a comunidade, mas eu acredito que o período para uma simples feira é na abordagem que eu quero levar para dentro da escola, possa ser que limite muito conteúdo dos conceitos que é a principal ideia desse trabalho, mas a sua ideia da feira muito interessante, sobre tirar o protagonismo do professor e colocar o protagonismo para os alunos, realmente uma ideia muito bacana, principalmente pensando se eu não me sinto confortável em levar esse assunto para dentro da sala de aula mas em uma feira eu tenho uma possibilidade para levar esse assunto para dentro da escola, e eu estou abortando e nesse caminho talvez também seja mais fácil.

Bolsista 13: seria mais fácil, porque quem iria conhecer seriam os alunos e não somente eu, então assim, é mais para o entendimento dos alunos em si, porque tem muitos alunos que não entendem quando o professor fala e quer destruir imagem daquele professor, eu já passei por isso na minha sala, era repleta de alunos assim, não gosto daquele professor e levava para casa que aquele professor é ruim, e talvez nem é, talvez é o entendimento do aluno e não foi bom, não quis perguntar nada, só escutou e levou para casa outra coisa aí chega nos pais e fala uma coisa, e o que acontece, os pais vem para cima atacar aquele professor certo, aí seria mais fácil porque seria, vamos supor, se eu passar alguma coisa pra o filho de alguém e surgiu alguma coisa, uma dúvida no aluno, até o pai em si pode ajudar ele entender o assunto, passar a mostrar mais como a religião do que com algo discutível.

Mediador: se vocês perceberem, por exemplo, que tem um aluno que vai entrar na sala com as vestimentas de candomblé, ou de alguma forma ele comentou sobre que ele frequenta o centro, aí nesse caso específico vocês se sentiriam mais confortáveis para levar essa discussão, estou supondo que tenha apenas um único aluno dentro da sala de aula no meio de 40, vocês se sentiriam mais confortáveis para falar sobre essa abordagem?

Bolsista 12: eu acho que essa questão do aluno trazer e levar informação para sala de aula seria bem mais fácil do que o professor levar aquele assunto para os alunos, porque, vamos

supor que o professor chega e fala sobre, essa questão religiosa talvez o aluno não tenha conhecimento sobre nada, como eu hoje eu não tinha, talvez o adulto vai chegar na sala com um preconceito do que aquilo e vai ficar tão espantado como se o professor desse de primeira, acho que o aluno trabalhar isso antes de entrar na sala poderia até tentar abordar, mas antes o professor falar, na próxima aula a gente vai abordar isso, então pesquisem o uso da pimenta nessas religiões, talvez o aluno tenha um conhecimento prévio daquilo e ele poderia entrar na sala de aula com a cabeça mais aberta.

Mediador: por exemplo, esse texto que foi mandado para vocês enviarem um texto primeiro e falariam para os alunos próxima aula a gente vai trabalhar sobre as pimentas a partir dessa perspectiva?

Bolsista 12: sim, o aluno chegaria em sala de aula com muito mais informação e a discussão disso poderia ser muito mais limpa do que ele chegar em sala de aula sem saber nada.

Mediador: aquele texto, vocês acham que tem uma linguagem adequada para um aluno de ensino médio ler?

Bolsista 11: eu particularmente acho que não daria certo, eu não faria dessa maneira, a maneira que o Bolsista 13 falou é uma maneira que eu tinha pensado mas eu não tinha falado, que essa maneira mais fácil de você abordar a religião de uma forma, para ser seguro você precisaria de um tempo, então, uma oficina você teria um tempo então uma oficina você teria esse tempo que seria à noite, que você poderia abordar e talvez da forma que falaram separadamente em grupos que a pessoa passava e captando aquela ideia ficaria mais interessante, agora se passar um texto, no outro dia se for para trabalhar os alunos não aceitariam.

Mediador: vocês acham que se fosse uma abordagem, por exemplo, eu consigo abordar isso com os hábitos culinários da população negra, a população negra trouxe a pimenta para o Brasil e aí eu vou falar sobre isso, a os negros fizeram uso disso em técnicas agrícolas, por exemplo, enfim se fosse falar sobre os hábitos dos povos negros de cultivo de métodos de agricultura que foram trazidos seria mais fácil do que falar sobre a religião? O que incomoda é a religião? Os hábitos e costumes dos povos negros se fosse uma outra abordagem, por exemplo do costume dos povos negros vocês se sentiriam mais confortáveis? Diretamente falando o que incomoda é a religião?

Bolsista 15: eu acho que quem tá mais incomodado é mais a gente do que os alunos, acho que o próprio professor fica mais incomodado de tratar o assunto do que os próprios alunos, porque, no caso quando o professor daqui da faculdade foi falar sobre tinham pessoas de várias vivências na sala só que todos ficaram empolgados em assistir aula e todos queriam assistir

aula, só que a maioria das pessoas, nós mesmos como professores às vezes colocamos limitações na gente mesmo e acaba não dando, por achar que não convém abordar aquele assunto, e esse simples fato de não abordar acaba não trazendo aquele conhecimento que queríamos levar, porque assim, a gente como professor tem obrigação de procurar saber mais coisas, eu me sinto envergonhada hoje porque eu não sabia de muitas coisas sobre que eu fui aprendendo mais na faculdade, eu cresci numa família totalmente cristã evangélica, mas eu nunca fiquei contra com o professor ou um aluno que fosse falar sobre religião para mim, acho que é mais o professor que se limita sobre o assunto e ele mesmo vê aquilo como um tabu e como uma barreira e deve ser quebrada.

Mediador: se o texto que eu trouxe falasse sobre outros assuntos e aspectos da cultura que não fosse a questão religiosa, vocês acham que dariam o mesmo “ibope” que está dando aqui, porque não sei se vocês perceberam, está muito mais comentado especificamente dessa abordagem religiosa, porque a questão religiosa está batendo muito forte aqui, vocês acham que se fosse outro aspecto que eu estivesse falando, a o texto fala sobre os hábitos culinários dos povos negros e contar que os povos negros utilizavam a pimenta na culinária, os povos indígenas utilizavam de outra forma, principalmente na guerra, se fosse esse outro aspecto vocês ficariam mais confortáveis?

Bolsista 14: igual estava falando a pouco, o que eu entendi do trabalho é que você vai dar uma apresentação sobre a religião, você vai estar demonstrando aquela religião no caso, como eu poderia trabalhar que eu estarei abordando basicamente, nessa questão de estar falando da importância dos negros aí também seria uma questão bem mais fácil, porque a gente comentar de religião hoje em dia é muito complicado, mas a questão que eu estava falando é dar um exemplo dessa questão da pimenta na questão da oferenda para o exu, igual estar citando, a pimenta também é utilizada em oferendas da religião tal, igual eu falei a gente não entende muito sobre esse assunto.

Mediador: você usaria esse assunto mais para contextualizar?

Bolsista 14: isso aí se algum aluno na lá na sala falasse, a mais essa religião aí é macumba, aí você poderia estar usando o conhecimento que você tem na hora, não para estar retrucando aluno mas está falando para ele, não a macumba é como uma religião qualquer como a sua, igual do seu colega que está do lado e você poderia estar aplicando essa abordagem não racista e não preconceituosa, falando macumba não é isso que você está pensando.

Bolsista 15: mas se você levasse esse texto provavelmente na contextualização o aluno falaria a mesma coisa e para mim daria a mesma coisa.

Bolsista 14: é mas eu não faria igual o John.

Mediador: não faria igual no início?

Bolsista 14: é, eu não estaria entrando nessa questão da religião, eu estaria falando mais sobre a questão de que os negros trouxeram a pimenta para o Brasil no caso, assim estar falando que a pimenta foi utilizada pelos negros na questão de oferendas nas religiões para o exu.

Bolsista 15: mas eu observei que ele não trouxe a religião como foco, a gente que por ser alienado a algo trouxe a religião como, foco porque incomodou mais, mas o foco dele foi a pimenta.

Bolsista 14: isso aí foi um trabalho resumido?

Mediador: sim.

Bolsista 14: você está falando da religião ou vai só citar?

Mediador: da mesma forma que eu apresentei, só que eu vou trazer mais citações vou trazer mais conteúdos, mais autores e vai ser um trabalho mais árduo e com uma abordagem muito maior sobre esses conteúdos que eu propus trabalhar.

Bolsista 14: igual eu estava pensando, não era apresentar da definição da religião.

Mediador: a minha questão aqui não é pregar a religião, é trazer ela como o contexto e o foco principal para trabalhar a ideia da química das pimentas, como exemplo que eu disse dos bolos só que no caso eu trarei a religião como contextualização principal para abordar a química das pimentas, que nem trouxe o exemplo de temas relacionados a química que podem ser trabalhados e relacionados diretamente a religião, esse é o principal enfoque.

Bolsista 14: no meu caso esse não seria, o meu traria somente a citação mesmo.

Mediador: então pessoal essa minha ideia de trabalhar, esse tema não é a única forma que tem de eu abordar as questões étnico-raciais, eu posso escolher outros caminhos e, existem vários caminhos, e esse texto mesmo que vocês leram, é de um livro que os professores, sendo alguns da UFU, são organizadores, e eles vão trazer em vários outros exemplos, existem textos lá que fala sobre lixo e aí ele aborda por exemplo entrevistando os trabalhadores dos caminhões de lixo, e aí é nítido que uma parte dos trabalhadores são negros, e ele começa a discutir sobre a questão do negro pegar o lixo do branco, e aí começa uma discussão sobre a questão, e a questão dessa naturalização para algumas coisas, porque é natural um negro trabalhar como lixeiro mas não é natural ver um negro trabalhando no hospital como médico? Porque tem lugares para negros e por que tem lugares que não, isso abordando química, começa com essa questão para depois trazer abordagem da separação de misturas, e existem vários outros exemplos dentro do livro e todas elas são exemplos de educação não preconceituosa, igual na reunião de terça-feira a professora adorou abordagem e quer levar isso para sala de aula, inclusive ela quer falar exatamente do exu na primeira aula como eu trouxe, então, por exemplo é possível

trabalhar isso e ela conhece o público dela, e ela acha que vai ser legal, que vai incomodar, e que vai fazer os alunos ficarem curiosos em relação a isso. Quando eu falo assim ficar incomodado e não consigo trabalhar isso nessa perspectiva, não é porque você não consegue trabalhar nessa perspectiva que você não vai conseguir fazer uma inserção dos aspectos étnico-raciais na sua aula ,então assim, por isso a importância da gente estudar após terminarmos a graduação e levar isso para o ensino médio, procurar se informar a respeito, da mesma forma que tem esse livro tem muitos exemplos e todos os exemplos de química e assuntos muito interessantes, existem outros que também trazem outros aspectos de outras abordagens, é sempre interessante vocês estarem informando a respeito e trazendo para dentro das salas de aula.

Após essa fala foi perguntado aos bolsistas se mais alguém queria comentar alguma questão que ficou para trás, porém nada foi dito e o momento de entrevista foi encerrado.